



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DO ACONSELHAMENTO

**ESTILOS, PRÁTICAS PARENTAIS E AUTOEFICÁCIA PARENTAL:
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PAIS E MÃES**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Grazielle Antunes de Silva – nº 20110856

ORIENTAÇÃO: Professora Doutora Mónica Rute Taveira Pires

Universidade Autónoma de Lisboa

Lisboa, Julho de 2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço aos meus amigos, em especial a Dalila Monteiro, a Patricia Paulino, ao Rui Ramos, ao Miguel Vilardebó, e a todos que sempre acreditaram nas minhas capacidades e me apoiaram nos momentos mais difíceis no percurso académico e não só. Agradeço a minha adorável prima Virlane Silva, que nunca permitiu que eu desistisse, sempre com uma mensagem de apoio e confiança.

À minha família, agradeço pela confiança e esperança depositada. Agradeço as palavras de motivação e confiança proferidas pelas minhas irmãs Fabrizia Quadros e Giselle Silva. Agradeço também ao meu querido Pai pela demonstração de orgulho que sente em ter-me como filha.

De uma forma especial, agradeço a minha Professora Doutora Mónica Pires, que demonstrou desde o princípio interesse em me ajudar e, principalmente empatia nos meus momentos de desmotivação. Agradeço-a pela sua paciência e por não ter deixado de acreditar que eu era capaz.

Por fim, gostaria de agradecer a todos as pessoas que, de alguma forma, me apoiaram neste processo.

Resumo

Neste estudo pretendemos analisar se existem relações significativas entre as variáveis:

Estilos Parentais (EP's), Práticas Parentais (PP's) e Autoeficácia Parental (AEP), comparando simultaneamente as diferenças entre pais e mães, numa amostra de 60 casais. Os participantes foram selecionados de forma não probabilística. Participam no estudo 60 casais (30 homens e 30 mulheres) portugueses residentes na região de Lisboa e Vale do Tejo, maioritariamente provenientes de zonas urbanas (83.1%), com idades compreendidas entre os 24 e os 56 anos ($M = 38.4$; $DP = 5.9$), são maioritariamente casados (85.8%) com filhos com idades compreendidas entre os três e os 10 anos ($M = 6.3$; $DP = 1.5$). Os resultados evidenciam a relação significativa das variáveis em estudo: os estilos de autoridade parental e as práticas parentais exercem um impacto na perceção da autoeficácia parental de pais e mães. Não encontramos diferenças significativas entre pais e mães nos EP's e PP's (todos $ps > .05$). Encontrámos diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão de autoeficácia positiva - desenvolvimento. As mães obtêm valores significativamente mais elevados do que os pais nas atitudes promotoras do desenvolvimento dos filhos [$t_{(118)} = 2.037$, $p = .044$, (4.55 vs 4.38)]. O fato de ter mais do que um filho exerce um impacto tanto em pais como em mães na AEF. Este resultado poderá ser compreendido pelas alterações ao nível social e dos papéis parentais, ou devido à homogeneidade do grupo em estudo e à sua dimensão. Concluimos que os EP's exercem um efeito nas práticas parentais, tendo um impacto na forma como pais e mães se avaliam a sua função parental em termos de eficácia. A predominância da auto-perceção do estilo autoritativo encontra-se coerente com estudos anteriores, assim como a sua relação com práticas parentais não coersivas e com uma maior autoeficácia. O estudo destas variáveis na perspetiva dos diversos membros da família deverá continuar a ser foco de estudo numa amostra mais alargada. Os estilos de autoridade parental menos coersivos ajudam a estabelecer o clima familiar com práticas parentais positivas e

promotoras do desenvolvimento da criança, contribuindo para uma percepção de maior eficácia parental.

Palavras-chave: família, parentalidade, estilos parentais, práticas parentais, autoeficácia parental, diferenças mães-pais

Abstract

This study sought to identify the relationship between the variables Parental Styles, Parental Practices and Parental Auto-efficacy, while simultaneously comparing the differences between fathers and mothers, in a sample of 60 couples. The participants were selected using a non-probabilistic method, by convenience, in a “snow ball”. The group of participants was composed of 60 Portuguese couples (30 fathers and 30 mothers) from the regions of Lisbon and the Tagus Valley, mainly from the urban regions (83.1%), whose ages varied from 24 to 56 years old ($M = 38,4$; $DP = 5,9$), with the largest scale from 30 to 39 years of age, and who had children with ages from three and 10 years old ($M = 6.3$; $DP = 1.5$). The results show a significant relationship between the variables under study: the styles of parental authority and parental practices have an impact on the perception of parental auto-efficacy of fathers and mothers. We did not find significant difference between fathers and mothers (todos $ps > .05$). We found statistically significant differences only in the dimension of positive self - efficacy - development. Mothers obtain significantly higher values than parents in attitudes that promote child development [$t(118) = 2.037$, $p = .044$, (4.55 vs 4.38)]. Having more than one child impacts both parents and mothers on AEF.

This result could be understood through the alterations of the social level of the parental parts, or due to the homogeneity of the group under study and its dimension. We conclude that the parental styles have an effect on parental practices, with an impact on the way fathers and mothers evaluate their parental function in terms of efficiency. The predominance of the auto-perception of the authoritative style is in line with previous studies, as well as its relation with non-coercive parental practices and with a larger auto-efficacy. The study of these variables through the perspective of several family members should be the focus in a study with a larger sample. A less coercive authoritative parental style helps to establish a family climate

with positive parental practices and promotes the development of the child, contributing to a larger perception of parental efficacy.

Keywords: family, parenting, parenting styles, parental practices, parental self-efficacy, mother-father differences

Estilos, Práticas Parentais e Autoeficácia Parental:
Estudo Comparativo entre pais e mães

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	4
Família	5
Parentalidade	11
Estilos Parentais	14
Práticas Parentais	21
Autoeficácia Parental	25
Diferenças entre os Pais	30
Parte II – Metodologia	33
Problema e Delineamento do Estudo	34
Hipóteses	36
Participantes	37
Instrumentos	43
Questionário Sócio-demográfico	43
Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P)	44
Questionário de Práticas Parentais (QPP)	46
Escala e Autoeficácia Parental (EAEP)	48
Procedimentos	50
Parte III-Resultados	52
Estatística Descritiva e Correlações entre as Variáveis	53
Regressões lineares entre Estilos Parentais, Práticas Parentais e Auto-eficácia Parental	60
Diferenças entre Mães e Pais	62
Efeito das Variáveis de Critério	63
Parte IV-Discussão	68
Conclusão	77
Referencias	80
Anexos	92
Anexo A-Questionario Socio-demografico	
Anexo B- Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P)	
Anexo C- Questionário de Práticas Parentais (QPP)	
Anexo D- Escala e Autoeficácia Parental (EAEP)	

Índice de Figuras

Figura 1: Modelo Integrativo de Estilos Parentais.....	18
<i>Figura 2.</i> Modelo Correlacional. Variáveis: Estilos Parentais (EP's), Práticas Parentais (PP's) e Auto Eficácia Parental (AEP).....	35
<i>Figura 3.</i> Mães versus Pais.....	35

Índice de Tabelas

Tabela 1- Modelo Bidimensional.....	19
Tabela 2 Caracterização Sociodemográfica das Mães.....	38
Tabela 3- Caracterização Sociodemográfica dos Pais.....	39
Tabela 4 - Formação Acadêmica e Profissional das Mães.....	40
Tabela 5- Formação Acadêmica e Profissional dos Pais.....	41
Tabela 6- Caracterização da Amostra quanto ao Agregado Familiar (Total).....	42
Tabela 7- Caracterização do Agregado Familiar (Mães).....	42
Tabela 8- Caracterização do Agregado Familiar (Pais).....	42
Tabela 9- Consistência Interna: Estilos Parentais.....	45
Tabela 10- Correlações: Estilos Parentais.....	46
Tabela 11- Consistência Interna: Práticas Parentais.....	48
Tabela 12- Estatísticas Descritivas (Total).....	54
Tabela 13- Estatísticas Descritivas (Mães)Tabela 14- Estatísticas descritivas (Pais).....	55
Tabela 14- Estatísticas descritivas (Pais).....	56
Tabela 15- Estilos Parentais, Práticas Parentais e Autoeficácia das Mães.....	58
Tabela 16- Estilos Parentais, Práticas Parentais e Autoeficácia Pais.....	60
Tabela 17- Regressão Linear Hierárquica – Grupo de Mães.....	61
Tabela 18- Regressão Linear Hierárquica – Grupo de Pais.....	62
Tabela 19- Estilos, Práticas e Autoeficácia Parental: Mães vs Pais.....	63
Tabela 20- Correlação Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Idade por Função Parental.....	64
Tabela 21- Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Escolaridade.....	65
Tabela 22- Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Escolaridade.....	66
Tabela 23- Correlação Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Número de Filhos.....	67

Lista de Siglas e Abreviaturas

EP`s- Estilos Parentais

PP`s- Praticas Parentais

AEP- Auto eficácia Parental

SPSS- Statistical Package for the Social Sciences

UAL- Universidade Autónoma de Lisboa

Introdução

A presente investigação apresenta como tema «Estilos, Práticas e Autoeficácia Parental: Um Estudo Comparativo entre Pais e Mães» e realiza-se no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e de Aconselhamento, pela Universidade Autónoma de Lisboa.

Neste estudo pretendemos analisar se existem relações significativas entre as variáveis: Estilos Parentais (EP's), Práticas Parentais (PP's) e Autoeficácia Parental (AEP), comparando simultaneamente as diferenças entre pais e mães, numa amostra de sessenta casais.

Apesar de existirem diversas definições do conceito de família, pela sua complexidade e ambiguidade, é difícil obtermos uma definição consensual. Na generalidade, a família é constituída pelo homem, mulher e filhos, que partilham laços de consanguinidade e que vivem na mesma casa (Alarcão, 2006).

Existem vários estudos sobre as mudanças estruturais e interrelacionais nas famílias contemporâneas e as transformações psicossociais, políticas, económicas e culturais, vivenciadas pelos membros. Estas transformações geram uma multiplicidade de configurações familiares onde os membros experimentam novos processos adaptativos às novas situações (Monteiro et al., 2010).

Independentemente do seu tamanho ou da sua configuração, a família também é vista como uma rede de comunicações com pessoas interligadas, onde todos os membros interferem na natureza do sistema. Todos os membros da família são influenciados pelo próprio sistema familiar. O autor Winnicott (1980, citado por Levy & Jonathan, 2010) destacou o papel da família no estabelecimento da saúde do indivíduo. As interações familiares influenciam o ambiente que, por sua vez, determina a eficácia na adaptação das necessidades do indivíduo em cada fase do seu desenvolvimento físico e psíquico. Bowlby (1982, citado por Levy & Jonathan, 2010) destaca a importância do ambiente, salientando o

quanto é fundamental transmitir confiança, para que a criança se sinta segura e progressivamente se possa afastar da mãe e explorar o mundo com a segurança. Desta forma, a criança tem uma segurança psíquica de base, que ao ser constituída na primeira infância, favoreceria a capacidade de resiliência.

A relação dos pais com os filhos tem sido tema de vários estudos ao longo dos anos, com ênfase na relação comportamental dos filhos e na educação parental. Em 1966, Baumrind impulsionou o estudo sobre os estilos parentais, incluindo aspetos afetivos e comportamentais na relação parental. Segundo Baumrind (1966), o tipo de autoridade exercida sobre os pelos pais, é um equilíbrio entre controlo e afetividades que expressa crenças e valores. A influência da variação da autoridade parental e do desenvolvimento infantil reformulou a visão de controlo até então caracterizado como rigidez e punição. O controlo, de acordo com Baumrind (1971) está relacionado com as exigências e expectativas dos pais em relação aos seus filhos, através do estabelecimento de regras, monitorização das mesmas e do comportamento, supervisão e disciplina consistente. O controlo, a comunicação e o afeto com diferentes variações, resultam em estilos de autoridade parental: o autoritário, o autoritativo e o permissivo (Cassoni, 2013).

As práticas educativas parentais espelham de algum modo os estilos parentais, são porém mais voláteis segundo as circunstâncias, podendo por vezes ser incongruentes com o padrão ideal de parentalidade do pai ou da mãe.

Não obstante, as práticas são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, pois tratam-se de comportamentos individuais que os pais partilham com os filhos, transmitindo hábitos, valores, crenças, conhecimentos e competências (Darling & Steinberg, 1993). Deste modo, o comportamento das crianças é influenciado não somente pelas suas características individuais, mas também pelo comportamento parental e pelo papel social atribuído ao seu género, transmitido geralmente pelos seus pais (Maccoby & Martin, 1983).

A autoeficácia parental, isto é, a percepção da eficácia das competências parentais, depende do estilo parental e prática parental utilizada, podendo ser positiva ou negativa e influenciando o comportamento e desenvolvimentos dos filhos (Brites & Nunes, 2010; Coleman & Karraker, 1997; Meunier & Roskam, 2009). A forma como cada pai ou mãe se sente eficaz na sua função parental, dependerá assim da forma como se avalia e percebe no dia a dia, em interação com os filhos, comportamento e desenvolvimento dos mesmos, de forma mais imediata ou mais alargada temporalmente.

No presente estudo quantitativo, de autorrelato, de corte transversal, temos como objetivo aprofundar a relação entre as variáveis estilos parentais, práticas parentais e auto-eficácia parental. Pretende verificar a consistência entre os estilos e as práticas parentais e, identificar quais as formas de autoridade e práticas se correlacionam com uma maior eficácia parental.

Na primeira parte apresentamos o enquadramento teórico, que visa tratar conceitos específicos relativos às variáveis em estudo, família, parentalidade, estilos parentais, práticas parentais e auto-eficácia parental, discutindo diferentes perspetivas e resultados de estudos prévios. Na segunda parte, apresentamos a metodologia, o problema e a perspetiva de investigação, seus objetivos e delineamento, os participantes no estudo, os instrumentos utilizados e respetivos procedimentos. Apresentamos na terceira parte, os resultados, discutindo-os na quarta, secção final do trabalho.

Parte I – Enquadramento Teórico

Família

A família é definida como “qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo (...) e destino comum” (Organização Mundial da Saúde [OMS], 1994, citado por Alarcão, 2006, p. 40). O conceito de família enquadra-se num sistema complexo, onde os seus membros estão inseridos no mesmo contexto social, não obstante as suas diferenças individuais e necessidades distintas uns dos outros. A família é assim, primordial na construção da identidade do indivíduo, e é nela que acontecem os primeiros contactos afetivos (Castilho, 2003). Ainda pode ser definida como a:

. . . união de pessoas que partilham um projeto vital de existência comum que se quer duradouro, em que se gerem fortes sentimentos de pertença ao grupo, existe um compromisso pessoal entre os seus membros e estabelecem se intensas relações de intimidade e dependência. (Palacios & Rodrigo, 2008, p. 39)

Existem diferentes conceitos da família, que tem sofrido modificações ao longo da história de forma a adaptar-se às transformações sociais. A família pode ser definida com base no tipo de relação e interação entre os seus membros (Dessen & Polónia, 2007).

A sociedade atual demonstra ter um impacto em várias dimensões da família, como no aumento de número de divórcios, no envelhecimento da população e no decréscimo na natalidade. Ventura (2010) apresenta cinco tipos de família: nuclear, alargada, monoparental, unitária e outros tipos.

Uma família monoparental refere-se a uma família de só um dos pais a viver com o(s) filho(s). Este tipo familiar surge por diversas razões mas principalmente pela viuvez, os nascimentos fora do casamento, a separação ou divórcio, ambos que causam o aumento deste tipo de estrutura familiar. Segundo Aboim (2002), 90% de mães optaram por ficar com a custódia dos filhos. De acordo com um estudo da Eurostat elaborado em 2005, 8.4% da população portuguesa pertencem a este tipo familiar. Por sua vez, as famílias reconstruídas

são compostas por um dos cônjuges que tem filhos ou não de um matrimônio anterior que se juntam com outro elemento. Transformam-se em dois núcleos diferentes e complexos. Por fim, as famílias unitárias são consideradas quando uma pessoa vive sozinha em casa ou em casa de estranhos. As viúvas idosas são as que mais se apresentam neste tipo familiar devido à longevidade feminina. Também os jovens, principalmente os homens, apresentam a maioria desta tipologia devido a modelos culturais e sociais; ganham a sua independência mais cedo do que as mulheres e também por causa da separação ou do divórcio em que as mães ficam com a custódia dos filhos.

Existem outros tipos de famílias que não foram anteriormente descritos: as irmandades religiosas; as famílias de acolhimento; as famílias homossexuais; as famílias adotivas e as famílias comunitárias (Ventura, 2010).

Alarcão (2006) afirma que existe a articulação entre a estrutura e a organização, referindo que a família é como um sistema organizado que tem um limite aceitável de transformações estruturais, que busca preservar a organização. A estrutura familiar pode ser definida como um conjunto de relações integradas em diferentes etapas. A organização refere-se a um conjunto de relações básicas que consiste no ambiente familiar.

Segundo Chechia e Andrade (2002), na primeira infância, a criança estabelece os principais vínculos afetivos com a família, que fornece os cuidados e estímulos necessários para o seu desenvolvimento. A qualidade dos cuidados físicos e afetivo-sociais depende da estabilidade socioeconómica e psicossocial das famílias. As relações familiares dependem da conciliação entre o mundo do trabalho e o da família, da vida profissional e da pessoal, constituindo um grande desafio da sociedade moderna. As mudanças sociais que têm vindo a ser sinalizadas têm resultado em transformações profundas nas relações familiares (Ariés, 1988; Giddens, 2000), dando origem a novas questões que afetam a família e o casamento na contemporaneidade.

Segundo Azevedo (2008) em cada época histórica, a família reúne-se o possível da sua existência com características próprias. As mudanças sofridas do ambiente familiar resultam de um sistema em constante transformação, fatores pertencentes à história da família e de todo o ciclo de interação com as mudanças sociais (Castilho, 2003).

Na Idade Média, o grupo da família iniciava-se pelo seu nome e segundo uma linha de geração. É a família como um núcleo fechado, constituído pelos pais e pelos filhos. A família desta época valorizava a transmissão de património, em regra herdado pelo varão primogénito (Granda, 2007, citado por Azevedo, 2008), ou em famílias pobre e pouco abastadas ter filhos significava ajuda nas tarefas e no trabalho. Na Era Moderna, entre o século XVIII e o século XIX, a família transforma-se num modelo nuclear constituído pelo pai, pela mãe e pelos filhos legítimos do casal, onde estão presentes diferentes laços afetivos. É também nesta altura que a criança passa a ter um estatuto de “criança”, com necessidades e características próprias, em vez de ser vista como um “pequeno adulto”. O pai assume-se como o chefe de família, trazendo sustento financeiro, enquanto a sua mulher cuida da casa e da educação dos filhos. O pai passa a estar mais ausente da casa, dando prioridade ao trabalho, pouco envolvido na relação com os seus filhos. A mãe desempenha mais o papel de mãe e dona de casa, nas famílias cuja condição socio-económica assim o permitia (Azevedo, 2008).

Existem vários fatores que podem contribuir para uma mudança no âmbito familiar, nomeadamente a evolução para uma sociedade mais igualitária em termos de gênero, as mudanças culturais, o progresso urbano, tecnológico e industrial, e as novas formas de filiação como, por exemplo, as homoafetivas (Santos, 2012).

A entrada da mulher para o mercado laboral deixou a sua marca no seio familiar e social, que a obriga a uma reorganização das tarefas familiares (Azevedo, 2008). Para além

de dona de casa e mãe, ela procura destacar-se profissionalmente, contribuindo para o sustento da família (Pratta & Santos, 2007).

Por outro lado, o homem continua a ter um papel disciplinador, mas de uma forma mais afetuosa e colaborante, com um contributo mais satisfatório e agradável. O papel de chefe de família transforma-se gradualmente, podendo contribuir para a educação dos filhos formal e em casa, apoiando nas tarefas, e em momentos lúdicos, deixando assim de ser apenas fonte de autoridade, de estabilidade e de sustento (Azevedo, 2008).

As relações afetivo-sexuais entre casal tornam-se mais igualitárias em termos de género alicerçadas no compromisso íntimo criado pelo casal, construindo-se uma nova identidade. Na relação pais-filhos evidencia-se uma mudança no padrão comportamental, em que cada um abre um caminho para a valorização de um relacionamento aberto através do diálogo e um maior convívio com os outros membros da família. Deste modo a mudança traz uma nova tendência no que diz respeito à semelhança na distribuição de papéis e obrigações geridos pelo contexto histórico (Pratta & Santos, 2007).

Em conclusão, devido às grandes transformações e contextos históricos, existem cada vez mais famílias que ocupam um espaço social. Isto tem a sua importância, pois antes de se formar uma única família nuclear, foi necessária haver imposições do mundo atual que permitiram observar a distinção entre famílias e a história da humanidade.

A história intergeracional familiar procura conhecer a transmissão de mediação em que o indivíduo concebe os seus significados transferidos do passado, como por exemplo, as lembranças, os hábitos da vida, a maneira de relacionar-se com os outros familiares e os valores adquiridos com outros familiares. Neste sentido, dá-se a construção da identidade familiar, a forma em que o indivíduo foi influenciado com base em modelos anteriores e atuais (Castilho, 2003). Existe igualmente um sentimento de pertença em que o indivíduo aprende, promove e enfrenta os conflitos de crescimento. Cruz (2005) demonstra que as

características pessoais e a história relacional dos pais têm um impacto na educação dos filhos. Também no exercício da função parental, os pais transportam a sua herança e história familiar, ou seja, os rituais, os costumes e os padrões comunicacionais e relacionais, e a transmissão transgeracional da parentalidade.

Segundo Minuchin (1982, citado por Cunha, 2000), as famílias influenciam diretamente o comportamento e sentido de identidade dos seus membros, e cada um dos membros cresce juntamente com a família e adaptando-se às mudanças da sociedade. Desta forma a família é vista como um sistema aberto, autorregulado, com características comuns com normas e padrões transacionais próprios (Cunha, 2000). Desta forma a família é vista como um sistema, ou seja, entende-se como “(...) um todo, que só nessa perspectiva holística pode ser corretamente compreendida.” (Relvas, 2006, p. 10).

A teoria familiar sistémica realça que nenhuma família é igual à outra, quando a família é vista como um todo mostra-se única. Assim, “(...) a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura.” (Relvas, 2006, p. 11).

A família, como sistema que é também se desenvolve e evolui. Esta evolução refere-se às transformações que ocorrem nos elementos ao longo da sua história familiar (Relvas, 2006). Ao longo do ciclo vital da família (identificação previsível de transformações que ocorrem na organização familiar), as tarefas inerentes ao desenvolvimento familiar relacionam-se não só com as características de cada elemento, mas também com o que socialmente se espera que aconteça para que a continuidade da família/sistema ocorra (Relvas, 2006). A perspectiva sistémica permite compreender as especificidades familiares enquanto grupo e as suas complexidades relacionais (Beja, 2009).

A noção de papel e função no contexto familiar define a importância de um indivíduo na sociedade, a sua relação com um membro familiar determina o estatuto ou posição que lhe

é atribuída. O papel é como “um conjunto de expectativas sobre o que cada um deve fazer” (Hanson, 2005, p. 94), em que cada membro ocupa uma posição na família ou no grupo social, que necessita de se socializar a desempenhar os papéis para desenvolver as atitudes, os conhecimentos e as competências necessárias para o desenvolvimento individual e familiar.

Segundo M. P. I. C. P. Reis (2008), o processo de socialização refere-se a uma formação do gênero que determina os modelos de condutas comportamentais existentes em várias culturas. Outro autor, Relvas (2006) descreve duas tarefas desempenhadas: o suporte ao processo de individualização e a autonomização da criação de sentimentos de presença no grupo. No que se refere à socialização, a família é observada como um grupo primário no qual não é somente importante a construção da personalidade, mas também o estabelecer limites para as relações das gerações futuras, capacitando o indivíduo para as exigências de adaptação social. Deste modo, uma família beneficia da elaboração e da aprendizagem de dimensões significativas (Fernandes, Alarcão, & Raposo, 2007; Pratta & Santos, 2007).

K. C. F. Reis (2008) refere uma união forte com os seus elementos em que se mostra a combinação de socialização através da transmissão de valores, costumes e crenças em que pertence na cultura. Existem funções que são desempenhadas numa família: afetiva, protetora e de estatuto. A função afetiva é uma função de extrema importância para a função do indivíduo, como uma resposta de necessidade para um humano afetuoso. De acordo com Bayle (2006), existe a necessidade, principalmente para as crianças, em dar e receber amor, obter segurança, estabilidade dos diferentes elementos, que contribuem para o seu desenvolvimento. Para além das funções que foram referidas anteriormente, Osório (2000) apresenta mais três funções que considera como essenciais e profundas para a família: a função biológica, a função psicológica e a função social. A função biológica refere-se à sobrevivência da espécie humana através dos cuidados adequados e necessários que a família deve garantir. A função psicológica consiste na afetividade e no suporte da sobrevivência

emocional em que a família deve ter um ambiente equilibrado para o processo de aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo. A função social descreve que, geralmente, cada membro da família constitui uma forma básica de se socializar onde vai aprender e transmitir as suas experiências.

Santos (2012, p. 16) referem que:

De um modo geral, pode-se afirmar que o núcleo familiar constitui o pilar básico de qualquer sociedade uma vez que é no seio da mesma, que se transmite, aprende, constrói e se formam os sujeitos sendo por si só, um sistema dinâmico de interação. A família torna-se um espelho através do qual os seus membros se perceberem como pessoas e como seres sociais e relacionais. O seu papel educativo é mandatório transmissível e incontestável.

Parentalidade

Ao abordarmos a parentalidade temos que considerar implícito o termo transição, contudo, devemos ter presente a sua diversidade polissêmica, que pode não estar apenas relacionada com a sua essência.

A transição para a parentalidade é dos mais estudados e comuns, principalmente a existência das transições desenvolvimentais com os núcleos familiares. Martins (2009) afirma que na sua maioria as investigações são dedicadas mais ao estudo da experiência da parentalidade durante o primeiro ano de vida da criança comparando outros estudos no que diz respeito às múltiplas especificidades e dimensões relacionadas à parentalidade.

Relvas (2006) afirma que os pais são responsáveis pelo fracasso e sucesso dos filhos na sociedade. É um desafio continuando e um processo antigo para os pais quando decidem ter filhos, acreditando que a parentalidade é inata e desempenham-se os novos papéis. Para Sousa (2006), cada subsistema parental produz um modelo de parentalidade sendo importante na base de famílias que promove a evolução da própria geração, desenvolvendo um novo

modelo parentalidade. Da nova experiência dos pais surge uma carga emocional como ansiedade e culpa, representando momentos de incerteza.

Relvas (2006) diz que juntamente com esta experiência surgem sentimentos de uma nova experiência enquanto pais, como a alegria, a satisfação, a culpa e a ansiedade. A autora afirma que o nascimento de um filho traz uma mudança nos ritmos familiares e o casal tem de aprender a desempenhar os novos papéis de Pai e Mãe. Esta nova fase é marcada pela adaptação do casal à nova imagem de si e do outro e à gestão das novas emoções percebidas em relação ao recém-nascido e à prestação de cuidados primordiais. Ainda segundo a autora, existe um reposicionamento nas respectivas famílias de origem, em que o casal deixa de ocupar o lugar da geração mais nova (filhos) e passa a ocupar uma posição intermédia (pais).

A transição para a parentalidade surge logo no início da gravidez, altura em que o casal vive a ansiedade da chegada do primeiro filho, havendo a necessidade de reorganizar a sua vida familiar de forma a integrar o novo membro, que irá provocar mudanças significativas ao longo do ciclo vital da família. A mudança familiar ocorre na construção de um espaço físico para o filho, mas também a nível psicológico em que o casal prepara-se para serem pais (Kruel, 2008).

Segundo Pires (2008), o processo de transição para a parentalidade é, principalmente para a mulher, um período de importantes mudanças e adaptações em curto prazo. Ao tornar-se mãe, a mulher passa por diversas transformações pessoais, psicológicas, físicas e financeiras. Para além disso, enfrentará a responsabilidade concedida pela sociedade em relação à maternidade.

As emoções percebidas pela mulher em relação à maternidade podem estar relacionadas com as expectativas de ser mãe. No entanto, a participação cada vez mais ativa do pai no processo tem trazido mudanças na estrutura familiares e sociais. Neste momento,

ele participa na educação dos filhos, deixando de ser um mero suporte social. Atualmente é possível observar uma mútua cooperação entre os progenitores com intuito de assegurarem melhores condições de subsistência dos filhos e de vivenciarem em conjunto a parentalidade (Crespo, 2007; Pires, 2008).

A parentalidade remete para o comportamento de cuidado parental (materno e paterno) e é definido como qualquer comportamento em prole da sobrevivência dos filhos (Trivers, 1972). Para Brown (1998, citado por Simões, 2011), o comportamento de cuidados que os progenitores apresentam sofre transformações ao longo do desenvolvimento das crianças. Ao serem cuidadores dos jovens, os pais ou figuras substitutas, reconsideram os principais motivos para a socialização que decorrem no sentido para criar competências básicas para que os jovens se possam desenvolver enquanto elementos funcionais para a sociedade (Simões, 2011).

A convicção parental sobre a função de ser pai ou mãe atribui elevada importância ao comportamento parental, e consequentemente ao comportamento das crianças. Alguns estudos revelam que as características de personalidade e a história relacional dos pais com os seus próprios pais são elementos que devem ser tidos em conta na educação dos filhos (Cruz, 2005). Para a autora, os pais educam os seus filhos não apenas de acordo com as circunstâncias em que vivem ou com as características próprias das crianças, mas também levam em conta neste processo as suas atitudes e até mesmo os traços da sua personalidade.

Brites e Nunes (2010) afirmam que ser pai desempenha uma função geradora que é considerada para a maioria dos sujeitos como tendo uma natureza de identidade para o projeto de vida. Ainda para as autoras, a parentalidade é importante para que cada pessoa possa perceber como é ser mãe ou ser pai tendo a sua existência e os sentimentos de presença construídos de forma gerar confiança na capacidade e no desenvolvimento.

Por sua vez, determinadas variáveis pessoais ou do âmbito do *self*, parecem ter um papel próprio no modo como os pais e a família de uma forma mais geral organizam as suas experiências e desempenham os seus papéis familiares, como é o caso da percepção desses desempenhos ou crenças de autoeficácia. Estas crenças surgem da experiência individual das pessoas: é o resultado de aprendizagens contínuas, sendo simultaneamente demonstrativas das tendências de cada um no prosseguimento dos objetivos pessoais nas iniciativas e direções para a vida (Caprara, Regalia, Scabibi, Barbaranelli, & Bandura, 2004, citados por Brites & Nunes, 2010).

Estilos Parentais

O estudo dos estilos parentais foi proposto por Diana Baumrind, na década de 60, e procurava entender o impacto das práticas educativas parentais e as classificações possíveis de aspetos comportamentais e aspetos afetivos nos pais no procedimento da educação dos filhos. A autora destacou a autoridade que envolve o tipo de controlo, a expressão de valores e crenças que os pais utilizam com os filhos (Pacheco, Silveira, & Schneider, 2008).

Segundo Costa, Teixeira e Gomes (2000), os estilos educativos podem ser observados em estudos realizados em diferentes áreas do desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. As principais áreas de investigação relacionadas com os estilos parentais são a psicopatologia, o rendimento escolar e a socialização.

A forma como os pais se relacionam com os filhos, o clima emocional em que decorrem as relações entre ambos, define o estilo parental utilizado. Os estilos podem ser definidos pela persistência de certos padrões de atuação uma vez que, por mais que as normas e os processos de socialização variem segundo os diversos contextos sociais, económicos e políticos, o papel dos pais continua a ser o de avaliar se os comportamentos dos filhos são ou não adequados a estas normas sociais (Darling & Steinberg, 1993).

Baumrind (2005, citado por Trenas, 2008), realizou as suas investigações com o objetivo de compreender o papel parental em que os pais procuram socializar de forma exigente com a criança ou adolescente, transformando a sua integridade pessoal. A influência dos padrões de autoridade parental nas fases iniciais do desenvolvimento da criança foi outro estudo efetuado pela mesma autora, que ampliou o conceito de controlo parental, no qual foi definida uma articulação e uma ampliação para utilizar o castigo físico. Neste conceito os pais procuraram impor a sua vontade de forma a socializar e integrar os seus filhos.

Dentro da dimensão “Parental Responsiveness” e “Parental Demandingness” reconhecem-se três estilos parentais distintos: o autoritário, o autoritativo e, por fim, o permissivo. Segundo a autora (Baumrind, 1978), os três estilos parentais exercem influências no desenvolvimento cognitivo e na competência social das crianças. Estes três estilos parentais diferem em comportamentos, valores e normas.

Os pais autoritários são extremamente exigentes, impõem regras restritas que devem ser cumpridas pelos filhos, dispensam pouca atenção às necessidades emocionais, não promovem a independência e individualidade dos filhos, e as ordens são fixas sem negociações. Quando as regras são transgredidas, há uma resposta punitiva por parte dos pais. Os conflitos apresentados pela criança e até mesmo na própria relação familiar, não são levados em consideração. Os pais autoritários acreditam que o papel da criança é de subordinação e autonomia restrita (Baumrind, 1978).

Os pais autoritativos, por sua vez, procuram estabelecer limites e regras de forma clara, mas não absoluta, considerando as necessidades dos filhos e dando-lhes abertura para uma comunicação fluída e aberta. Exercem um controlo baseado na comunicação eficaz, tornando o ambiente mais caloroso. Dessa forma, não deixam de ser exigentes, mas são simultaneamente responsivos às necessidades e características das crianças. Permanece o controlo sobre os filhos, mas é exercido de forma moderada estabelecendo limites, mas ao

mesmo tempo, dando-lhes espaço para agirem com liberdade, promovendo a autonomia e a responsabilidade, levando em conta o nível de maturidade. Quando o filho contesta alguma regra ou limite estabelecido, os Pais recorrem ao diálogo, e procuram ouvir os argumentos dos filhos. As condutas são monitorizadas pelo poder paternal, que monitoriza os comportamentos inadequados e promove os adequados, valorizando os mesmos (Baumrind, 1966, citado por Esteves, 2010). Filhos de pais autoritativos demonstram boas competências sociais, autoestima, estabilidade emocional e maturidade (Casarín & Infante, 2006).

Pais que adotam um estilo parental permissivo exigem muito pouco dos filhos, sendo permissivos e benevolentes perante os impulsos e as ações dos mesmos. Não são agentes ativos e responsáveis por moldar e alterar o comportamento presente e futuro da criança. Abdicam da responsabilidade de educar oferecendo-lhes liberdade para agirem, esperando que a criança tenha uma conduta madura para decidir as suas ações (Baumrind, 1966).

No âmbito do estilo parental permissivo, Maccoby e Martin (1983) desenvolveram o modelo tripartido inicial de Baumrind (1978), separando o estilo parental permissivo em dois tipos distintos: indulgente e negligente. O indulgente diz respeito aos pais que exercem pouco controlo e exigem pouco, mas que, simultaneamente, são afetuosos e responsivos às necessidades e desejos dos filhos. Já o negligente se enquadra nos pais distantes, ausentes e pouco responsivos. Enquanto que os primeiros podem ser compreendidos à luz de valores e ideais pessoais, em que os mesmos acreditam que a criança é responsável pelas suas próprias escolhas autonomamente, os segundos demitem-se totalmente do seu papel parental.

As crianças educadas por pais permissivos podem tornar-se adultos emocionalmente instáveis, com características emocionais imaturas e com poucas habilidades cognitivas e sociais (Baumrind, 1978; Casarín & Infante, 2006).

O estilo autoritativo está associado a resultados positivos em toda a infância e adolescência, enquanto o permissivo e o autoritário, por sua vez, estão associados a consequências negativas no desenvolvimento dos filhos (Baumrind, 1978).

Os trabalhos de Baumrind (1966), Darling e Steinberg (1993, citados por Brás, 2008) procuram a forma como os estilos parentais influenciam o desenvolvimento de jovens. De acordo com Darling e Steinberg (1993), para perceber de que forma os estilos parentais influenciam o desenvolvimento do jovem, devem ser considerados três aspetos fundamentais, nomeadamente: a intenção por trás da socialização, as práticas parentais utilizadas de modo a ajudarem os filhos chegarem à meta e o ambiente emocional em que o jovem se encontra inserido, permitindo assim a socialização. Estes autores definem estilos parentais como sendo “o conjunto de atitudes que são comunicadas aos filhos e, que todas juntas, criam um clima emocional no qual os pais atuam de determinada forma” (Darling e Steinberg, 1993, p. 488). Estas condutas incluem os comportamentos específicos (práticas parentais) “através dos quais os pais expressam os seus deveres parentais” (Darling e Steinberg, 1993, p. 488) como os comportamentos não orientados para um objetivo, as mudanças no tom de voz ou os gestos.

Darling e Steinberg (1993) apresentam um modelo integrativo (Figura 1) em que:

... os objetivos e os valores parentais exercem grande influência sobre os estilos parentais (1) e sobre as práticas parentais (2). Este último ponto tem uma influência direta em aspetos específicos do desenvolvimento da criança ou do jovem, através da sua influência moderadora na relação entre as práticas parentais e os resultados do desenvolvimento (4) e através da sua influência na abertura da criança/jovem à socialização potencializada pelos pais (3 e 5). A abertura da criança à socialização é moderadora da influência das práticas parentais no seu desenvolvimento (6). (p. 493).

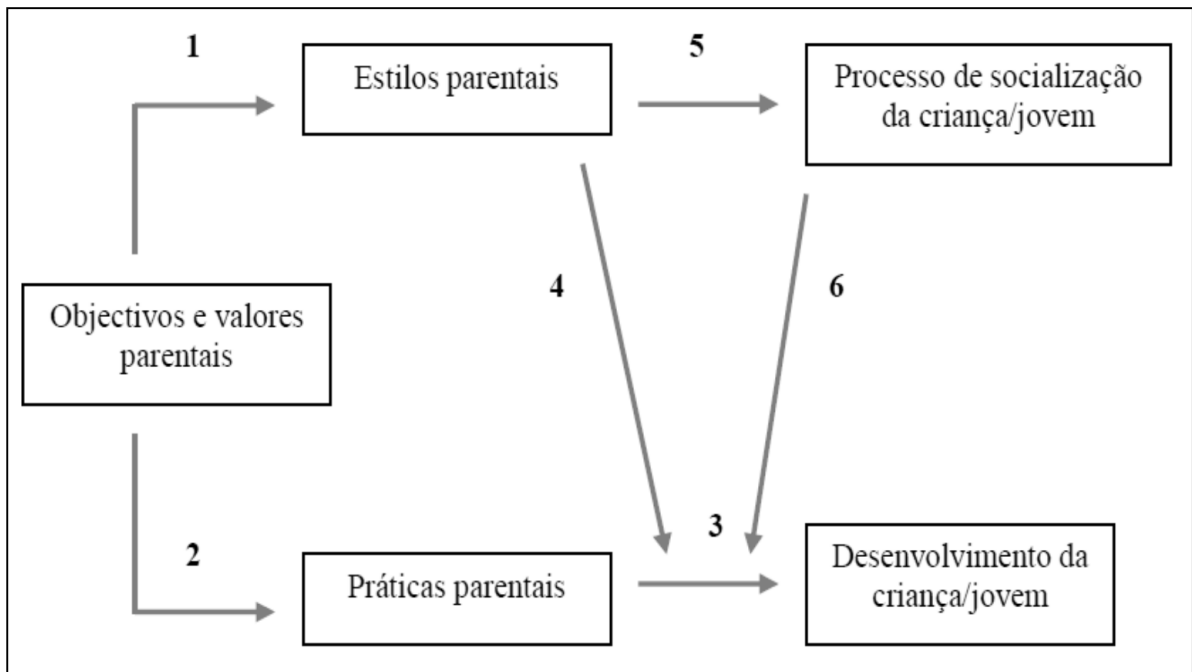


Figura 1. Modelo de Estilos Parentais de Darling e Steinberg, (1993), citado por P. M. F. Brás, (2008), p. 493.

A abordagem inspirada nos estudos de estilos parentais, conciliada com as duas dimensões (exigência e responsividade) do estudo de Baumrind (1966), é o modelo bidimensional de Maccoby e Martin (1983) na Tabela 1. Os autores afirmam que a exigência designa a disciplina e supervisão que exigem no comportamento parental. A responsividade refere-se às condutas de suporte e apoio em que promovem a individualidade dos filhos. Os quatro estilos parentais deste modelo são: o autoritário, o autoritativo, o negligente e o indulgente.

Tabela 1

Modelo Bidimensional

		Responsividade	
		ALTA	BAIXA
		- Afeto e apoio explícito. - Aceitação e interesse na relação com a criança. - Sensibilidade às suas necessidades.	- Afeto controlado e não explícito. - Distanciamento e hostilidade nas relações com os filhos.
Exigência	BAIXA	AUTORITATIVO	AUTORITÁRIO
	ALTA		INDULGENTE NEGLIGENTE

A diferença entre os estilos parentais nos estudos por Baumrind (1966) e no modelo bidimensional de Maccoby e Martin (1983) é a separação do estilo permissivo em dois: o negligente e o indulgente, utilizado para identificar a questão de controle e uma modificação de responsabilidade.

Os pais com os altos níveis de responsividade e de exigência criam as regras para os filhos que vão ser induzidos através da disciplina. Por vezes, as atitudes negativas dos filhos são corrigidas para atitudes positivas. A comunicação entre pais e filhos apresenta-se de forma clareza e aberta, e com o respeito mútuo. Como os pais são afetuosos e responsivos, deixam que os filhos tomem as suas decisões e promovem as competências para habilidades (Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003; Pacheco et al., 2008; Trenas, 2008).

Os pais do estilo autoritário controlam o comportamento dos filhos, mostrando a importância na obediência através do respeito à ordem, à autoridade, à exigência de regras

rigorosas e à punição. Ainda com este estilo, os pais reagem à rejeição das demandas dos filhos. O estilo autoritário é marcado por pais muito exigentes mas com baixos níveis de responsividade (Pacheco et al., 2008).

Os pais indulgentes apresentam, ao contrário dos pais autoritários, excesso de tolerância permitindo que a criança controlem o seu próprio comportamento. Estas não têm regras nem limites. São afetuosos, receptivos e comunicativos com os filhos, satisfazendo, sem limites os seus pedidos. Este estilo tem um baixo nível de exigência e um alto nível de responsividade.

Por fim, os pais negligentes apresentam baixos níveis tanto de exigência como de responsividade. Assim, são pais que se envolvem pouco com a socialização dos filhos. Mantêm distanciamento dos filhos, não dão afeto nem são exigentes. Os pais indulgentes somente se interessam por si próprios.

De acordo com estudos realizados por Gomide (2006) e Pacheco et al. (2008), existe uma relação positiva entre o estilo responsivo e o desenvolvimento de competências psicossociais, assertividade, auto-estima e desempenho académico em crianças e jovens. Ainda segundo os mesmos autores, verificam-se níveis inferiores de ansiedade e depressão.

Segundo Maccoby e Martin (1983), os estilos parentais autoritário, indulgente e negligente, resultam em consequências negativas no desenvolvimento de crianças e adolescentes. As principais consequências são a baixa autoestima, o insucesso e o absentismo escolar, o abuso de substâncias e problemas comportamentais.

Hoffman (1994, citado por Pacheco et al., 2008) e Reppold, Pacheco, e Hutz, (2005), revelam que os estilos educativos parentais são influenciados pela cultura familiar, nomeadamente a comunicação, o suporte emocional, e a gestão das relações entre pais e filhos. As interações familiares envolvem ainda outros aspectos referentes à hierarquia dos

papeis e das funções dentro da estrutura familiar, que é expresso no controle, na disciplina, na autoridade e na tomada das principais decisões.

Através do contributo de muitos estudos científicos, sabe-se que tanto o desenvolvimento dos jovens como o comportamento parental é influenciado por um modo bidirecional com diversos fatores individuais, intra e extrafamiliares e sobretudo, fatores contextuais (Simões, 2011).

Através de evidência, alguns investigadores mostram que os estilos não são adotados por si, mas são determinados por um padrão de condutas comportamentais e afetivos que englobam crenças, valores e atitudes que consiste da interação entre pais e filhos, contribuindo para o desenvolvimento e adaptação dos jovens (Darling & Steinberg, 1993; Dias, 2009; Hutz & Bardagi, 2006; Pereira, 2010).

Práticas Parentais

O conceito de práticas educativas parentais, surge em 1994 com o autor Hoffman, que define as práticas parentais como a interação entre pais e filhos e as estratégias utilizadas para a educação dos filhos. O autor refere ainda que as práticas são caracterizadas por atitudes e comportamentos do tipo coercivo ou indutivo (não-coercivo). Os principais objetivos das PP's são a socialização e a disciplina (Hoffman, 1994).

As PP's coercitivas definem-se como um poder parental reforçado, reafirmado e controlado feito pelos pais juntamente com os estímulos repulsivos de punições físicas, verbais ou de privação (Pacheco et al., 2008)

Salvador e Weber (2005) e Mondin (2008) afirmaram que as punições são utilizadas para chamar a atenção aos filhos sobre comportamentos inadequados, possibilitando o controlo das reações punitivas pelos pais, embora não auxiliado de internalização de padrões

e regras sociais. Este comportamento pode causar sentimentos de hostilidade, raiva, frustração e baixa autoestima (Salvador & Weber, 2005).

Por sua vez, as práticas parentais não coercitivas (indutivas) têm uma mudança de comportamento nos sujeitos, permitindo estímulos positivos em si e na relação com os outros, como o afeto, uma excelente relação, o reforço e a comunicação. Envolvem ainda explicações sobre as consequências dos comportamentos da criança/adolescente e as consequências dos seus atos para si e para os outros, bem como a importância de regras e valores sociais (Grusec & Lytton, 1988, citado por Cecconello et al., 2003). Isto possibilita a melhoria de autoestima e autoconfiança, promovendo a motivação e o aumento do sentido de responsabilidade dos jovens. Estas práticas, como referíamos anteriormente, não se aplicam apenas à família, mas também se transpõem para outras dimensões da vida dos sujeitos (Pacheco et al., 2008).

As práticas parentais correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objetivos de socialização, incluindo estratégias usadas para suprimir comportamentos considerados inadequados ou para incentivar a ocorrência de comportamentos adequados. As práticas parentais são determinadas pelos estilos parentais. No entanto, estes são ideais de educação para os pais, enquanto as práticas parentais são os comportamentos no dia-a-dia e, por isso, mais voláteis e dependentes das circunstâncias. Diversas são as práticas educativas parentais e as pesquisas na área ajudam a mostrar quais dessas práticas são as mais positivas para o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Alvarenga & Piccinini, 2001; Darling & Steinberg, 1993).

Weber, Prado, Viezzer, e Brandengurg (2004) e Alvarenga e Piccinini (2001) realizaram investigações sobre as práticas parentais utilizadas pelos pais em diferentes contextos. Os estudos demonstram que pode haver correlação de fatores ligados à forma como as práticas parentais são exercidas, destacando condições externas e internas da família que podem trazer efeitos cumulativos ao longo do período de desenvolvimento familiar.

As práticas educativas parentais são, portanto, conjuntos de comportamentos individuais manifestados pelos pais no processo de educação ou socialização dos filhos. Estas transmitem hábitos, valores, crenças, conhecimentos e competências para o desenvolvimento social (Darling & Steinberg, 1993).

Nesse sentido, estudos feitos têm vindo a comprovar diferenças entre pais e mães. O género é um preditor de comportamento, e as interações entre pais e filhos são influenciadas tanto pela parentalidade como pelo papel social, que são específicos ao género de cada um dos pais (Cia, Pereira, Prette, & Prette, 2006).

De igual modo, o comportamento individual da criança é influenciado não somente pelas suas características pessoais, mas também pelo papel que é atribuído ao seu género, tanto pelos pais, como pelos membros do seu meio social (Macobby, 2003, citado por Soares, 2012).

Diversas investigações reforçam a importância da família e das práticas educativas parentais para o desenvolvimento saudável das crianças (Gomes & Resende, 2004).

Alguns estudos sobre a parentalidade descreveram duas dimensões da relação parental. A primeira é o afeto/suporte e a segunda o controlo. A dimensão afetiva é composta por comportamentos parentais que contribuem para o suporte emocional dos filhos, tendo como base o afeto ou a hostilidade, e a de controlo refere-se a estilos educativos parentais e à qualidade da relação de vinculação entre os pais e os filhos, pautados pela permissividade ou restritividade (Barber, 2006; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983).

Outro modelo conceptual desenvolvido por Gomide (2006) diz respeito à avaliação das práticas educativas parentais. Em um estudo sobre a interação entre pais e filhos foi possível selecionar sete PP's separadas em dois grupos, os de práticas parentais positivas e os de práticas parentais negativas.

As práticas educativas positivas adaptam-se à monitorização positiva e ao comportamento moral que foram contributo no desenvolvimento do comportamento pró-social. A monitorização positiva pode ser resultante de um conjunto de práticas parentais que juntam o conhecimento e a atenção pelos pais em relação aos seus filhos através da localização e das atividades e da adaptação. Os componentes desta monitorização compõem a demonstração de afeto dos pais para com os filhos. Por outro lado, o comportamento moral pode ser definido como uma transmissão de valores morais, ajudando os filhos a compreenderem o significado de justiça, sabendo distinguir entre o que é, ou não correto. Desse modo, a empatia, e os princípios parentais sobre o valor do trabalho e a falta de comportamentos antissociais, contribuem para o desenvolvimento de um comportamento moral adequado (Gomide, 2006).

As práticas educativas negativas estão relacionadas com a monitorização negativa, a negligência, a disciplina relexada, o abuso físico e a punição inconsistente. Relativamente à monitorização negativa trata-se de uma proteção exagerada dos pais sobre os filhos, com repetidas instruções para um controlo comportamental e psicológico exagerado. Os pais controlam e interferem no desenvolvimento da autonomia e autoconfiança dos filhos.

Para os pais o principal desafio é o controlo, sem restringir a autonomia dos filhos e sem serem pais permissivos. O controlo parental pode ser manifestado através de uma série de comportamentos, tais como a comunicação de regras, valores, monitorização e supervisão, imposição de regras e obrigações a cumprir por parte do filho (Barber, 2002; Steinberg, 2005).

Quanto ao controlo psicológico, Steinberg (2005) define-o como intrusivo, coercivo e manipulador. O controlo psicológico interfere de forma negativa no desenvolvimento emocional da criança e no desenvolvimento de autonomia e autoconhecimento enquanto ser individual e autónomo.

No que diz respeito à negligência, esta surge quando os pais não dão atenção às necessidades dos filhos, ignorando as suas responsabilidades ou interagindo sem dar afeto. A negligência afetiva por parte dos pais pode estar relacionada com transtornos emocionais graves que pode acompanhar o indivíduo até à sua vida adulta. Este estado de humor que os pais designam como ações educativas, pode provocar uma confusão na comunicação e transmissão de valores sociais à criança e ao jovem. A disciplina relaxada salienta um incumprimento dos filhos das regras recomendadas pelos pais. Os pais são incapazes de impor as regras que impuseram aos filhos, com este comportamento os filhos podem tornar-se manipuladores ou agressivos, obtendo sempre benefícios e ganhos. Segundo Gomide (2006) esta prática pode provocar nas crianças/jovens sentimentos de medo, desinteresse e apatia, podendo desenvolver comportamentos antissociais.

Autoeficácia Parental

A autoeficácia parental traduz-se na perceção da eficácia das suas competências parentais. Este resultado depende do estilo parental e da prática utilizada, e pode ser positivo ou negativo. Importa salientar, que o estilo parental é mais emocional, e depende, portanto, da personalidade, enquanto a prática parental é resultante do estilo parental praticado. Neste contexto, a autoeficácia é fundamental para a adaptação à função parental, tendo em conta que os pais com perceção de elevada eficácia parental, provavelmente irão desenvolver expectativas otimistas relativamente às suas competências parentais – resultado positivo (Brites & Nunes, 2010).

Por sua vez, os pais que possuam sentimentos de frustração e incapacidade relativamente às suas experiências de parentalidade, terão um resultado negativo. Neste sentido, a prática (ação) é moldável, mas o estilo (personalidade) não o é (Harwood et al., 2007, citado por Brites & Nunes, 2010).

Nas últimas décadas, tem-se dado particular atenção ao sentimento de competência parental relacionado com a componente percepção da autoeficácia, e procurou-se estabelecer, complementarmente, como a capacidade percebida pelos pais, podendo influenciar positivamente o comportamento e o desenvolvimento dos seus filhos (Brites & Nunes, 2010; Coleman & Karraker, 1997; Meunier & Roskam, 2009).

Neste sentido, alguns estudos sugerem que a percepção da autoeficácia é relativamente estável ao longo do tempo (Coleman & Karraker, 2003) e que as mães revelam ter níveis de percepção de autoeficácia parental superiores aos dos pais (Salonen et al., 2009). No entanto, de acordo com Bandura (1989), a autoeficácia é dinâmica, podendo estar sujeita a modificação se os determinantes da tarefa, da situação, ou do processo de desenvolvimento individual forem alterados.

Segundo a teoria da autoeficácia (Bandura, 1982), a aquisição de novas competências é facilitada pela percepção da autoeficácia, destacando-se os pais como mais competentes na disciplina e as mães como mais competentes no afeto e cuidados instrumentais. Assim sendo, esta situação vai ao encontro das crenças relativas às diferenças entre géneros, que apontam para a mãe como mais carinhosa e para o pai como sendo mais rígido (Meunier & Roskam, 2009).

Outra teoria, a teoria sociocognitiva de Bandura (1980) mostrou a forma como se processam os julgamentos que as pessoas fazem sobre as suas próprias capacidades de ação e como através das suas autopercepções de eficácia estas afetam as suas ações.

As investigações sobre autoeficácia abordam as questões sobre diferentes aspetos da relação entre o ambiente, a autopercepção de eficácia e as ações. O estudo da autoeficácia é feito pelo julgamento sobre a ação e o comportamento. O procedimento deste estudo é adotado por microanálise dos fatores e tarefas individuais, através do teste comportamental que continha a lista de tarefas de desempenho para saber se os indivíduos conseguiam lidar

com as tarefas. Esta microanálise aprova uma análise da relação entre o julgamento de autoeficácia e a ação. Nos resultados das investigações mostram que de facto existe uma ligação entre a autoperceção de autoeficácia e ação comportamental. Isso significa que se o indivíduo julga que é capaz de executar as tarefas e papéis, tem a possibilidade de obter sucesso (Bandura, 1980). Cada tarefa identifica o autojulgamento com uma escala de probabilidade que contém elevadas certezas, médias certezas e a certeza absoluta. Segundo Bandura (1980), através da análise da autoeficácia foi possível determinar o desempenho real nas tarefas com impacto ações da pessoa.

Noutra investigação realizada pelo mesmo autor, foi observada a relação entre dois estudos experimentais sobre a autoeficácia e comportamentos ansiogénicos. No primeiro estudo foram usados os efeitos da técnica de dessensibilização sistémica nas mudanças comportamentais ocorridas, tendo a expectativa de eficácia na eliminação de ansiedade. O resultado foi um preditor de alta confiança na mudança comportamental gerada pela ansiedade. Na segunda experiência estudou-se o processo da eficácia e mudança de comportamento durante o tratamento por modelação participante. O resultado foi o mesmo, como preditor da quantidade do tratamento para melhoria dos comportamentos fóbicos (Bandura & Adams, 1977).

Os pais com níveis mais baixos de escolaridade são os que se sentem menos competentes a ensinar e a cuidar da criança. No entanto, têm maior controlo sobre as crenças nos resultados. Pais com três ou mais filhos sentem-se mais competentes a brincar e os que têm apenas um filho sentem-se mais competentes no afeto (Meunier & Roskam, 2009). Relativamente à figura materna, existem estudos que indicam a associação entre uma elevada perceção de autoeficácia e praticas parentais positivas, tais como a capacidade de fornecer à criança um ambiente saudável e feliz e a habilidade para entender os sinais da criança. Quando a perceção da autoeficácia é baixa, surgem fatores associados a diversos resultados

negativos como, por exemplo, a depressão, ou dificuldades de exteriorização na criança (Coleman & Karraker, 1997; Salonen et al., 2009; Teti & Gelfand, 1991).

Com base na sua revisão, Coleman e Karraker (1997), referem ainda que a percepção de autoeficácia é baixa, e encontra-se associada a diferentes variáveis parentais, tais como: indisponibilidade psicológica, comportamentos defensivos ou de controlo, afeto negativo, stresse e elevada sensibilidade e evitamento face a situações em que as crianças expressam comportamentos difíceis. Por outro lado, relativamente aos pais, alguns estudos encontraram uma associação positiva entre a percepção de autoeficácia paterna e o envolvimento nos cuidados à criança (Jacobs & Kelley, 2006).

A autoestima pode ser considerada como um conjunto de aspetos avaliativos e emocionais do autoconceito, bem como o resultado de julgamentos positivos e negativos que o indivíduo faz de si próprio. Esta autoestima apresenta as diversas partes que permite realizar uma avaliação: valor pessoal, respeito por si mesmo, autoconfiança e amor-próprio (Rosenberg, 1986, citado por Faria, Pepi, & Alesi, 2004). Com o estudo da autoestima na relação com a família procurou-se compreender a potencial influência, assim como os atores dos sistemas familiares e a forma como organizam as suas experiências.

A teoria sociocognitiva permite realizar o estudo de um sistema próprio na pessoa que consegue ter um controlo sobre os pensamentos, sentimentos e ações. No que diz respeito ao sistema de crenças de autoeficácia considera-se que uma pessoa tenha a capacidade de planear as estratégias, regular o seu comportamento, realizar a autorreflexão em relação ao seu ambiente e influência nas ações. Assim, é pertinente adotar uma perspetiva integradora da função parental em que consideramos que a parentalidade de um ser humano passa pela aprendizagem de uma função inata e pelo desempenho. “Esta especificidade inerente à parentalidade reverte em aprendizagens, assim como os inúmeros fatores que a influenciam,

numa pertinente avaliação da percepção de autoeficácia parental” (Brites & Nunes, 2010, p. 556).

Um estudo efetuado por Ardel e Eccles (2001), em Filadélfia, nos Estados Unidos da América, verificou a comparação das famílias negras e brancas com os resultados da eficácia parental sobre as práticas parentais e os das crianças em ambientes desfavoráveis. Estes autores afirmam que são mais as mães negras que antecipam as estratégias promovidas nas crenças de autoeficácia parental do que as mães brancas. No entanto, essa diferença pode ter a ver com os ambientes de riscos nas famílias negras, que vivem mais isoladas a nível social e em bairros perigosos. Por outro lado, os mesmos autores verificam que as mães com mais autoeficácia parental que são aquelas que utilizam métodos promotores de educação, em que os filhos têm benefício académico.

Utilizando o treino de competências sociais, Bolsoni-Silva e Marturano (2002) procuraram analisar as relações entre as práticas parentais e os problemas comportamentais dos filhos. Procuraram saber de que forma a educação dos pais influenciava um comportamento social adequado dos filhos. Os resultados revelaram que aqueles pais com maiores competências sociais, que estabeleciam limites mas sem ameaçar, conseguiam prevenir e diminuir os comportamentos sociais inadequados dos filhos durante a infância e a adolescência.

Noutro estudo, Afonso (2011) procurou determinar a relação entre o sentimento de competência dos pais em relação à educação dos filhos, o apoio social, a autoestima dos pais em relação ao sucesso escolar dos filhos na disciplina de matemática, e a autoestima dos filhos. Os resultados revelaram-se positivos e significativos entre o sentimento de competência dos pais em relação à educação dos filhos, a autoestima dos filhos e as boas notas na disciplina. Quanto mais os pais comunicam com os filhos, maior é o repertório de habilidades sociais das crianças. Especificamente com as mães, esses indicadores pareceram

contribuir para o controlo de comportamentos externalizantes dos filhos (Cia, Panplin, & Prette, 2006).

Diferenças entre os Pais

Apesar da informação se apresentar escassa relativamente à diferença entre o papel de ser mãe e o papel de ser pai no que diz respeito aos estilos parentais, às práticas educativas parentais e às autoeficácias parentais, estas diferenças foram evidentes.

Segundo Cruz (2005) os estilos parentais da mãe e do pai apresentam diferenças não devido ao seu processo de socialização, mas sim devido à experiência dos pais ser diferente. Assim, cada mãe e cada pai apresentam um estilo próprio na interação com os filhos. A mãe investe mais na interação, enquanto o pai envolve-se menos (Brás, 2008).

Alguns estudos indicam que as mães demonstram mais disponibilidade para a interação com os filhos, e recorrem a práticas parentais mais concordantes com o estilo parental autoritativo, tendo em conta a promoção da segurança e cuidados necessários para o bem-estar dos filhos. Por outro lado, os pais apresentam características de práticas parentais mais concordantes com o estilo autoritário (Brás, 2008; Russel, Hart, Robinson, & Olsen, 2003, citado por Trenas, 2008).

As mães são promotoras de suporte emocional e controlo (Gomes, 2010), e proporcionam mais momentos de afeto e autonomia aos filhos (Del Barrio & Carrasco, 2005, citado por López-Soler, Puerto, Lopez-Pina, & Prieto, 2009).

Existem estudos que indicam que as mães, em comparação aos pais, são mais consistentes com o estilo permissivo e utilizam mais frequentemente a recompensa na prática educativa (Russell et al., 1998 citado por Lins, Salomão, Lins, Féres-Carneiro, & Eberhardt, 2015). Por outro lado, os pais apresentam práticas educativas relacionadas com o estilo

autoritário, com uma maior aplicação de normas e punições, e com mais tendência à agressividade (Mestre et al., 2005, citado por Lins et al., 2015).

Num estudo com crianças em idade escolar realizado por Baumrind (1978), concluiu-se que as mães apresentavam características responsivas, mas pouco exigentes e por isso frequentemente permissivas, enquanto que os pais eram muito exigentes, recorrendo frequentemente a atitudes coercivas e não-responsivas, logo predominantemente autoritários (Lavado, 2015).

Existem varios fatores que podem influenciar os estilos parentais adoptados entre ambos os pais. Estes podem depender das características sociodemográficas dos pais como as habilitações académicas, a tipologia familiar, a idade dos pais e dos filhos, o número de filhos, e o género dos filhos (Devine & Llyod, 2006; Grigorenko & Sternberg, 2000; Meunier & Roskam, 2009; Singer & Weinstein, 2000).

A compreensão do papel do homem e da mulher na dinâmica familiar, resulta em diferentes modos de interação e de relação parental (Borsa & Nunes, 2011). Embora as interações possam ser qualitativamente diferentes, tudo indica que as mães e os pais sejam sensíveis às crianças, salientando que um cuidador deve aprender a reagir apropriadamente às mensagens da criança comportando-se de maneira responsiva, ou seja, mesmo que a resposta de um ou de outro progenitor seja diferente, o principal é que esteja apropriada ao contexto da interação (Parke, 1996).

Brazelton (2002) considera que, a participação do pai durante o período de gestação, e no processo durante o parto e pós-parto influencia na relação pai-filho durante o longo da vida, intensificando os sentimentos afetivos. As mudanças na sociedade e o facto de, atualmente, a maior parte das mães trabalharem fora do ambiente doméstico, têm levado os homens, progressivamente, a partilhar um maior compromisso e responsabilidade na criação e educação dos filhos. De uma forma geral, mesmo que lentamente, os homens têm-se tornado

mais companheiros das suas esposas, e mais integrados no quotidiano familiar (Lins et al., 2015; Pleck, 2010; Souza & Benetti, 2009).

Parte II – Metodologia

Problema e Delineamento do Estudo

Trata-se de um estudo no âmbito da parentalidade que aprofunda as relações entre as variáveis estilos parentais e práticas parentais adotados na educação dos filhos e a percepção de autoeficácia no exercício da função materna ou paterna numa amostra de 60 casais portugueses, com filhos em idade escolar (5-10 anos). Trata-se de um estudo quantitativo observacional-comparativo e pretende-se conhecer o efeito dos estilos parentais nas práticas parentais, e de ambos na percepção de autoeficácia parental por parte dos pais. Poderíamos considerar este delineamento como pré-experimental, porém, ao ser realizado num só momento de avaliação e não se verificando manipulação da variável independente, optámos por não utilizar esta nomenclatura, optando antes pelo termo observacional-comparativo . Não obstante, e feitas as devidas ressalvas quanto ao não controlo de variáveis estranhas, testaremos a título exploratório, a relação de efeito entre as variáveis em estudo na autoeficácia parental. Pretende-se igualmente explorar as diferenças e grau de concordância entre pais e mães quanto ao exercício da parentalidade nas variáveis em estudo (Figuras 2 e 3). Consideramos um estudo observacional por se tratarem de variáveis pré-existentes na população e, por isso, não manipuláveis, e pela ausência de pré-teste, não se podendo considerar verdadeiramente variáveis independentes e dependentes e, por conseguinte, não se podem estabelecer relações de verdadeira causalidade (Freixo, 2012).

Este delineamento de estudo pretende responder à seguinte pergunta de investigação: Qual a relação e o efeito dos estilos de autoridade parental e das práticas parentais na percepção de autoeficácia parental de pais e mães? Quais as diferenças individuais?

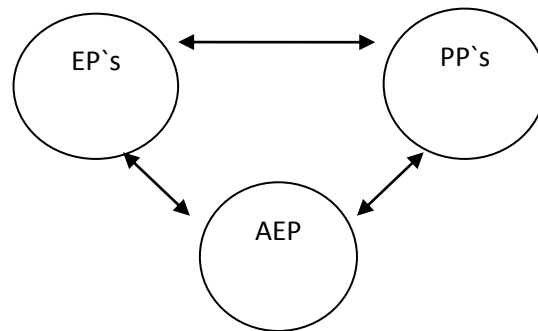


Figura 2. Modelo Correlacional. Variáveis: Estilos Parentais (EP's), Práticas Parentais (PP's) e Auto Eficácia Parental (AEP).

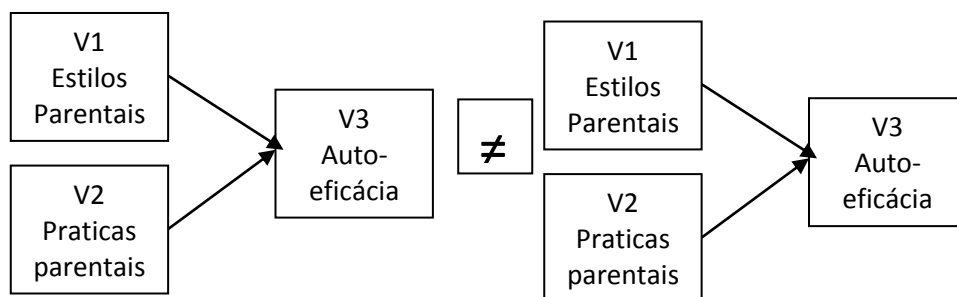


Figura 3. Modelo comparativo.

Com o delinamento apresentado pretendemos assim alcançar os seguintes objetivos, e reponder à questão de investigação:

1. Conhecer os estilos de autoridade parental, práticas parentais e auto-eficácia parental de um grupo de casais, díades pai-mãe, portugueses com filhos em idade escolar;
2. Verificar a correlação entre Estilos Parentais (EP), Práticas Parentais (PP) e Autoeficácia Parental (AEP), entre pais e mães;
3. Verificar o modelos de moderação das variáveis EP e PP na AEP;
4. Verificar o modelo de efeito dos EP e PP na perceção de AEP segundo a função parental;
5. Verificar se existem diferenças de idade quanto aos EP, PP e AEP;

6. Verificar o possível efeito de outras variáveis de critério (tipologia familiar, habilitações académicas) no modelo.

Hipóteses

A fim de responder ao problema de investigação e considerando os objetivos descritos e com o delineamento do estudo proposto, levantamos as seguintes hipóteses de estudo:

H1. Os Estilos Parentais, as Práticas Parentais e a Autoeficácia Parental das mães correlacionam-se significativamente.

H2. Os Estilos Parentais, as Práticas Parentais e a Autoeficácia Parental dos pais correlacionam-se significativamente.

H3. Os Estilos e as Práticas Parentais são preditores significativos da Autoeficácia Parental das mães.

H4. Os Estilos e as Práticas Parentais são preditores significativos da Autoeficácia Parental dos pais.

H5. Pais e mães diferem significativamente quanto aos Estilos Parentais.

H6. Pais e mães diferem significativamente quanto às Práticas Parentais.

H7. Pais e mães diferem significativamente quanto à percepção de Autoeficácia Parental.

H8. A idade exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na Autoeficácia Parental percebida pelas mães.

H9. A idade exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na Autoeficácia Parental percebida pelos pais.

H10. As habilitações académicas dos pais exercem um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na Autoeficácia Parental percebida pelas mães.

H11. As habilitações académicas dos pais exercem um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na Autoeficácia Parental percebida pelos pais.

H12. O número de filhos exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na autoeficácia parental percebida pelas mães e pelos pais.

Participantes

Numa investigação científica, a seleção da amostra é fundamental. Devemos ter em conta o plano de amostragem, o número de participantes no estudo que corresponde ao tamanho da amostra, e as técnicas utilizadas para a seleção da amostra que corresponde ao procedimento da amostragem (Ribeiro, 1999). Idealmente deveríamos selecionar os participantes aleatoriamente da população teórica, ou seja, “o conjunto de sujeitos, casos ou observações passíveis de serem reunidas como obedecendo a determinada característica” (Almeida e Freire, 2008, p. 113), garantindo assim a representatividade da amostra. Porém, na maioria das investigações em psicologia a seleção aleatória torna-se uma dificuldade, devido às condições e variáveis em estudo, e ao acesso à população em estudo. Os participantes foram selecionados de forma não probabilística da região de Lisboa, em “bola de neve”. O grupo de participantes no estudo é composto por 60 casais (30 pais e 30 mães) portugueses residentes na região de Lisboa e Vale do Tejo (86.4%), maioritariamente provenientes de zonas urbanas (83.1%), com filhos com idades compreendidas entre os três e os 10 anos, com idades compreendidas entre os 24 e os 56 anos ($M = 38.4$; $DP = 5.9$), estando a maioria no escalão etário dos 30 aos 39 anos (56.7%). Sendo que um dos critérios de inclusão implicava estar num relacionamento estável, a maior parte dos elementos da amostra são casados (85.8%).

A maioria das mães tinham entre 30 e 39 anos de idade (65.6%), eram casadas (83.6%) e moravam nas zonas de Lisboa e Vale de Tejo (83.6).

Tabela 2

Caraterização Sociodemográfica das Mães (N = 60)

	Mães	
	n	%
<i>Idade</i>		
20 - 29 anos	2	3.2
30 - 39 anos	40	65.6
40 - 49 anos	19	31.1
50 - 59 anos		
<i>Estado civil</i>		
Solteiro/a	3	4.9
Casado/a	50	83.6
União facto	3	4.9
Divorciado/separado	4	6.6
<i>Zona geográfica</i>		
Norte	8	14.8
Lisboa e Vale Tejo	51	83.6
<i>Residência</i>		
Urbana	50	82.0
Rural	11	18.0

A maioria dos pais tinham entre 30 e 39 anos de idade (47.5%), eram casados (88.1%) e moravam na zona de Lisboa e Vale de Tejo (83.6).

Tabela 3

Caraterização Sociodemográfica dos Pais (N = 60)

	Pais	
	<i>n</i>	%
<i>Idade</i>		
20 - 29 anos	3	5.1
30 - 39 anos	28	47.5
40 - 49 anos	24	40.7
50 - 59 anos	4	6.8
<i>Estado civil</i>		
Solteiro/a	1	1.7
Casado/a	52	88.1
União facto	2	3.4
Divorciado/separado	4	6.8
<i>Zona geográfica</i>		
Norte	8	14.8
Lisboa e Vale tejo	51	83.6
<i>Residência</i>		
Urbana	48	81.4
Rural	9	15.3

As mães que participaram no estudo são predominantemente licenciadas (62.1%), encontram-se empregadas (96.6%), trabalham cerca de 8 horas por dia (67.9%), não recebem subsídio (89.8%) e têm como rendimento mensal entre 1000 a 1500 euros (33.3%).

Tabela 4

Formação Académica e Profissional das Mães (N = 60)

	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>Habilitações académicas</i>		
1º Ciclo do ensino básico		
2º Ciclo do ensino básico	3	5.2
3º Ciclo do ensino básico	3	5.2
Ensino Secundário	16	27.6
Ensino superior	36	62.1
<i>Situação profissional</i>		
Empregado	57	96.6
Desempregado	2	3.4
<i>Horas de trabalho</i>		
3 ou menos	1	1.9
6 horas	5	9.4
8 horas	36	67.9
10 horas	7	13.2
12 ou mais	4	7.5
<i>Subsídio</i>		
Sim	4	6.8
Não	53	89.8
<i>Tipo de subsídio</i>		
Abono família	2	3.3
Subsidio desemprego		
Outro	2	3.3
<i>Rendimento médio mensal</i>		
Até 1000 euros	17	29.8
Entre 1000 e 1500 euros	15	26.3
Entre 1500 e 3000 euros	19	33.3
Entre 3000 e 4000 euros	4	7.0
Mais de 4000 euros	2	3.5

Os pais que participaram no estudo são predominantemente licenciados (61%), encontram-se empregados (96.4%), trabalham cerca de 8 horas por dia (59%), não recebem subsídio (94.6%) e têm como rendimento mensal entre 1000 a 1500 euros (38.9%).

Tabela 5

Formação Académica e Profissional dos Pais (N = 60)

	<i>n</i>	%
<i>Habilitações académicas</i>		
1º Ciclo do ensino básico	1	1.7
2º Ciclo do ensino básico	1	1.7
3º Ciclo do ensino básico	2	3.4
Ensino Secundário	16	27.1
Ensino superior	36	61.0
<i>Situação profissional</i>		
Empregado	54	96.4
Desempregado	2	3.6
<i>Horas de trabalho</i>		
5 ou menos	1	1.9
6 horas	1	1.9
8 horas	27	50.0
10 horas	16	29.6
12 ou mais	9	16.7
<i>Subsídio</i>		
Sim	1	1.8
Não	53	94.6
<i>Tipo de subsídio</i>		
Abono família		
Subsidio desemprego	1	1.7
Outro		
<i>Rendimento médio mensal</i>		
Até 1000 euros	7	13.0
Entre 1000 e 1500 euros	21	38.9
Entre 1500 e 3000 euros	16	29.6
Entre 3000 e 4000 euros	6	11.1
Mais de 4000 euros	4	7.4

Relativamente à constituição do agregado familiar (Tabela 6), predominam as famílias nucleares (98- 85.2%), com quatro elementos (40.0%) e dois filhos (38.3%).

Tabela 6

Caracterização da Amostra quanto ao Agregado Familiar (Total).

	<i>n</i>	%
<i>Nrº de elementos do agregado familiar (M, DP)</i>	3.88	1.06
<i>Nrº de filhos (M, DP)</i>	1.94	.93
<i>Tipo de Família</i>		
Família nuclear	98	85.2
Família monoparental	10	8.7
Família reconstituída	4	3.5
Família nuclear c/ avó(s)/avô	3	2.6

Tabela 7

Caracterização do Agregado Familiar (Mães)

	<i>n</i>	%
<i>Nrº de elementos do agregado familiar (M, DP)</i>	3.88	1.03
<i>Nrº de filhos (M, DP)</i>	1.92	.91
<i>Tipo de Família</i>		
Família nuclear	49	83.1
Família monoparental	2	3.4
Família reconstituída	6	10.2
Família nuclear c/ avó(s)/avô	2	3.4

Tabela 8

Caracterização do Agregado Familiar (Pais)

	<i>n</i>	%
<i>Nrº de elementos do agregado familiar (M, DP)</i>	3.88	1.09
<i>Nrº de filhos (M, DP)</i>	1.97	.96
<i>Tipo de Família</i>		
Família nuclear	49	87.5
Família monoparental	1	1.8
Família reconstituída	4	7.1
Família nuclear c/ avó(s)/avô	2	3.6

Quanto aos filhos designados para o estudo, 50.4% são do sexo feminino, predominando as crianças com 7 anos (25.7%). A maioria dos pais indica que passa cerca de 2 horas diárias com os filhos.

Instrumentos

Foi construído um questionário sociodemográfico a fim de recolher dados das variáveis de critério pertinentes para o estudo, possibilitando a definição da amostra. Para além deste questionário, foram utilizados nesta investigação os seguintes instrumentos:

Questionário de estilos parentais para pais (PAQ-P) de Pires (2010); Questionário de Práticas Parentais (QPP), versão portuguesa de Santos et al. (2014) e, Escala de Autoeficácia Parental (Brites, 2010). Os instrumentos utilizados na presente investigação foram validados para a população portuguesa. Todos os instrumentos foram, porém, verificados quanto à sua consistência interna e adequação à amostra em estudo mediante o cálculo do *alfa* de Cronbach.

Questionário Sócio-demográfico

Com base na revisão de literatura, foi construído um questionário sócio-demográfico que engloba as variáveis de critério descritas como tendo um efeito nos EP, PP e AEP. O questionário de dados pessoais utilizados para a amostra foi construído com base nas variáveis demográficas pertinentes para o estudo. Procura responder às questões designadamente de idade, género, estado civil, tipologia familiar, escolaridade, rendimento médio económico familiar (mensal), número de filhos e habilitações académicas.

Questionário de Estilos Parentais para Pais (PAQ-P)

O questionário de estilos parentais para pais (PAQ-P) utilizado é a versão de Pires (2011), resultante da adaptação do PAQ (*Parental Authority Questionnaire*) desenvolvido por

Buri em 1991, para resposta dos próprios pais. Trata-se de um instrumento que avalia a tipologia tripartida dos estilos de autoridade parental (EP), resultante da relação entre duas dimensões (afeto/sensibilidade e exigência) originando três estilos de autoridade parental (Pires, 2010; Pires, Hipólito, & Jesus, 2010, 2011):

- EP autoritário (Itens 2, 3, 7, 9, 12, 16, 18, 25, 26, 29)

Pais diretivos, exigentes e pouco sensíveis às necessidades dos filhos, que encorajam a obediência e desencorajam o diálogo com os filhos e privilegiam o controlo e restrição recorrendo à punição como forma disciplinar de controlo dos comportamentos indesejados nos filhos;

- EP permissivo (Itens 21, 6, 10, 13, 14, 17, 19, 21, 24, 28)

Pais com elevada sensibilidade e pouco controlo quanto ao comportamento dos filhos, relegando para estes a modulação do seu próprio comportamento;

- EP autoritativo (ou democrático) (Itens 4, 5, 8, 11, 15, 20, 22, 23, 27,30)

Tido como intermédio entre EP autoritário e o EP permissivo, corresponde a pais que definem regras claras, controlam o comportamento dos filhos e fazem exigências respeitando as especificidades dos mesmos, mantendo-se sensíveis às suas necessidades, favorecendo o diálogo e a comunicação.

A escala é composta por 30 itens em escala de Likert de 5 pontos: 1 = Discordo totalmente; 2 =Discordo; 3 = Não concordo nem discordo; 4 = Concordo; 5 = Concordo totalmente. A pontuação de cada subescala (dimensões EP autoritativo, EP autoritário e EP permissivo) é obtida adicionando as pontuações dos itens que a compõem, podendo variar entre o mínimo de 10 pontos e o máximo de 50 pontos.

"O instrumento revelou níveis satisfatórios de validade e fidelidade (consistência interna com valores do *Alpha de Cronbach* entre .74 e .87, e teste-reteste com valores de correlação entre .75 e .92, para os três fatores para pais e mães)" (Pires et al., 2011, p. 540).

No presente estudo, a adequação de cada subescala à amostra, foi avaliada pelo *Alfa* de Cronbach, tendo-se obtido valores de consistência interna bons para a subescala EP Autoritativo ($\alpha = .831$) e satisfatórios para as subescalas EP Autoritário ($\alpha = .701$) e EP Permissivo ($\alpha = .767$). Relativamente ao estudo de validação final do PAQ-P de Pires, et al. (2011), os valores de consistência interna foram semelhantes na subescala EP Autoritativo ($\alpha = .83$), superior na subescala EP Autoritário ($\alpha = .77$) e inferior na subescala EP Permissivo ($\alpha = .75$).

Tabela 9

Consistência Interna: Estilos Parentais

	Alpha de Cronbach	N.º de itens
Permissivo	.767	10
Autoritativo	.831	10
Autoritário	.701	10

Na amostra do estudo atual observou-se a ausência de correlação entre as dimensões EP Autoritativo e EP Autoritário ($r = .098$) e entre as dimensões EP Autoritário e EP Permissivo ($r = .114$), verificando-se a existência de correlação negativa entre as dimensões EP Permissivo e EP Autoritativo ($r = -.273$), da mesma ordem de grandeza obtida pelos autores na validação final do PAQ-P ($r = -.271$; $p < .01$).

Tabela 10

Correlações: Estilos Parentais

	Permissivo	Autoritativo
Autoritativo	-.273**	
Autoritário	.114	,091

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Questionário de Práticas Parentais (QPP)

Para avaliar a forma como é exercida a função parental em comportamentos concretos no dia-a-dia, recorreu-se ao Questionário de Práticas Parentais (QPP), versão portuguesa de Santos et al. (2014).

O QPP é constituído por duas escalas: parentalidade positiva e parentalidade negativa. Cada escala subdivide-se em diferentes subescalas: quatro de parentalidade positiva e três de parentalidade negativa (Santos et al., 2014).

Parentalidade positiva:

- Disciplina Apropriada (DA) (Itens 1c, 2c, 3c, 1e, 2e, 3e, 1g, 2g, 3g, 1k, 2k, 3k, 11a, 11b, 11c, 11d) (ex.: “quando o seu filho se porta mal, com que frequência faz com que a sua criança corrija o problema ou compense pelo seu erro?”);
- Parentalidade Positiva (PP) (Itens 6b, 6c, 6d, 6e, 6f, 7, 8a, 8b, 9a, 9b, 9c, 9d, 9e, 9f, 9g) (ex.: “quando o seu filho se porta bem, com que frequência lhe dá um abraço, um beijo, um aperto de mão ou qualquer outro cumprimento de elogio?”);
- Expetativas Claras (EC) (Itens 10a, 10b, 10c) (ex.: “quando a sua criança vai para a cama a horas ou se levanta a tempo qual a probabilidade de você a elogiar ou recompensar?”);
- Monitorização (MO) (Itens 12, 13, 14a, 14b, 14c, 15a, 15b, 15c, 15d) (ex.: “qual a percentagem dos amigos da sua criança que conhece bem?”).

Os itens são cotados em diferentes escalas tipo Likert, de forma que quanto mais alta é a pontuação, mais positiva é a resposta. A pontuação de cada subescala é obtida adicionando as pontuações de cada item.

Parentalidade negativa:

- Disciplina Rígida (DR) (Itens 1b, 2b, 3b, 1d, 2d, 3d, 1h, 2h, 3h, 1i, 2i, 3i, 5e, 5f) (ex.: “levanta a voz (fala alto ou berra)”);

- Disciplina Rígida para a Idade (DRI) (Itens 1f, 2f, 3f, 1j, 2j, 3j, 4a, 4b, 11e) (ex.: “quando o seu filho se comporta mal, com que frequência o manda para o quarto por um período de pelo menos 1 hora?”);

- Disciplina Inconsistente (DI) (Itens 5a, 5b, 5c, 5d, 5g, 5h) (ex.: “se pedir ao seu filho para fazer alguma coisa e ele não fizer, quantas vezes desiste de tentar que ele(a) cumpra a sua ordem?”).

Antes do cálculo das pontuações das escalas, os itens 4a, 4b, 5b, 9a, 9b, 9e, 9f, 12, 13, 15b, 15c foram invertidos e todos os itens foram convertidos numa escala de 7 pontos, de forma a todas as escalas terem o mesmo intervalo de valores. A pontuação de cada subescala foi obtida através da média das pontuações dos itens que a compõem, podendo variar entre 1 e 7 pontos. Quanto mais alta é a pontuação, mais negativas são as práticas utilizadas pelos pais relativamente à parentalidade negativa, e mais positivas nas escalas da parentalidade positiva.

Os itens 1a, 2a, 3a, 4c, 4d, 4e, 6a e 6g não são incluídos em nenhuma escala.

Os valores do *Alfa* de Cronbach, indicadores da consistência interna das escalas e subsescalas do QPP, são apresentados na Tabela 11. Os valores variam entre um mínimo de .577 na subescala de monitorização a um máximo de .860 na Parentalidade Positiva. Fator monitorização é o que apresenta valores de consistência interna mais baixo, mas perto de .6, valor mínimo aceitável. Irá ser incluído nas análises a fim de respeitar a estrutura do instrumento mas com as devidas precauções na interpretação dos resultados.

Tabela 11

Consistência Interna: Práticas Parentais

	Alpha de Cronbach	n.º de itens
Parentalidade positiva	.860	44
Disciplina apropriada (DA)	.840	16
Parentalidade positiva (PP)	.678	16
Expectativas claras (EC)	.788	3
Monitorização (MO)	.577	9
Parentalidade negativa	.722	29
Disciplina rígida (DR)	.730	14
Disciplina rígida para a idade (DRI)	.703	9
Disciplina inconsistente (DI)	.625	6

Escala e Autoeficácia Parental (EAEP)

Esta escala construída por Brites (2010) é composta por 44 itens, dos quais 22 pertencem à dimensão de auto eficácia positiva, que contém duas subescalas (Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento; Equilíbrio independência-segurança). Os restantes 22 itens integram a dimensão de autoeficácia negativa, também com duas sub-escalas (permissividade, negligência e desinteresse; “Controlo negativo”).

A dimensão Autoeficácia Positiva é composta por duas sub-escalas:

- “Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento”, é composta por 15 itens (itens 7, 9, 10, 12, 16, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 32 e 34) e inclui aqueles que dizem respeito à responsabilidade de ser um modelo ou exemplo a seguir pela criança, à transmissão de afetos e valores e à manutenção do estado de saúde.
- “Equilíbrio independência-segurança”, é composta por 7 itens (itens 4, 5, 8, 13, 21, 22 e 38) e concerne a consciência parental da importância da promoção da independência e da responsabilidade na criança, sem no entanto negligenciar aspetos básicos da sua segurança afetiva.

A dimensão Autoeficácia Negativa contém duas sub-escalas:

- “Permissividade, negligência e desinteresse”, composta por 17 itens (itens 2, 3, 6, 11, 14, 18, 19, 27, 29, 30, 33, 36, 39, 40, 41, 42 e 44) referentes a comportamentos e atitudes reveladores de certo desinvestimento face à criança, relativamente à sua saúde, às regras familiares e ao seu desenvolvimento afetivo.
- “Controlo negativo”, é composta por 5 itens (itens 1, 15, 35, 37 e 43) e diz respeito a uma atitude de controlo absoluto sobre a criança, quer no presente, quer relativamente ao seu futuro.

Para o cálculo das pontuações das escalas, foram seguidos os procedimentos propostos por Brites e Nunes (2010). A cotação de cada uma das quatro subescalas é obtida pelos valores médios dos seus itens. Os valores em cada uma das duas dimensões da escala – auto-eficácia positiva e auto-eficácia negativa – foram obtidos adicionando as pontuações das duas subescalas que compõem cada dimensão. O *score* de auto-eficácia parental total é o resultado da diferença entre as pontuações das dimensões auto-eficácia positiva e auto-eficácia negativa.

As qualidades psicrométricas da escala de auto eficácia parental foram atestadas pelos resultados obtidos a nível da validade de construto e, da validade fatorial. Quanto à fidelidade, indicam resultados, no geral, elevados ou, no mínimo, satisfatórios, confirmando a robustez e a estabilidade da escala.

Os valores do *Alfa* de Cronbach do presente estudo mostram que tanto a escala Auto-Eficácia Positiva ($\alpha = .857$) como a Auto-Eficácia Negativa ($\alpha = .829$) apresentam bons níveis de consistência interna. O mesmo acontece com as subescalas Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento ($\alpha = .853$) e Permissividade, negligência e desinteresse ($\alpha = .830$). No entanto, o mesmo não acontece com as subescalas Equilíbrio independência-segurança ($\alpha = .516$) e Controlo negativo ($\alpha = .557$), que

apresentam níveis de consistência interna fracos (Tabela 9). Também neste instrumento os factores Positiva B – equilíbrio e e negativa B – Controlo apresentam valores baixos mas próximos de .6, sendo por isso considerados nas análises.

Procedimento

Foi apresentado um projeto de dissertação no Departamento de Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa, tendo recebido a aprovação da Comissão de Ética.

Foram explicados todos os objetivos do estudo, o que era solicitado aos participantes e garantidos os deveres de confidencialidade, anonimato e de possibilidade de não-participação/desistência do estudo. A entrega do protocolo de investigação – questionários – foi feita ao casal, sendo a sua aplicação/preenchimento individual. Os protocolos foram numerados e codificados de modo a identificar as díades maritais. Os dados foram inseridos numa base de dados, sujeitos a limpeza e verificação e analisados estatisticamente com recurso ao *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 24.0 para Windows (IBM, INC.). A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi fixado em $p \leq .05$. Utilizou-se o coeficiente de consistência interna Alfa de Cronbach, o coeficiente de correlação de Pearson, o teste *t* de Student para amostras independentes e o modelo de regressão linear múltipla *Stepwise*. Os pressupostos do teste *t* de Student, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuição e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de Shapiro-Wilk e teste de Levene. Aceitou-se a normalidade nas amostras com dimensão ≥ 30 . Quando os pressupostos não se encontravam satisfeitos usou-se a alternativa não-paramétrica ao teste *t* de Student que é o teste de Mann-Whitney. Nestes casos, para facilidade de interpretação apresentou-se nas estatísticas descritivas os

valores das médias e dos desvios padrão e não os valores das ordens médias. Os pressupostos da regressão linear múltipla, designadamente a linearidade da relação entre as variáveis independentes e a variável dependente (análise gráfica), independência de resíduos (teste de Durbin-Watson), normalidade dos resíduos (teste de Kolmogorov-Smirnov), multicolinearidade (VIF e Tolerance) e homogeneidade de variâncias (análise gráfica) foram analisados e encontravam-se genericamente satisfeitos.

Parte III – Resultados

Na secção dos resultados são apresentados os resultados obtidos. Recorremos à estatística descritiva com o objetivo de descrever os valores obtidos para cada variável, nomeadamente as variáveis Estilos Parentais (EP`s), Práticas Parentais (PP`s) e Auto Eficácia Parental (AEF) e a correlação entre as mesmas. A estatística inferencial (testes paramétricos e não-paramétricos) foi utilizada para determinar a existência de diferenças estatisticamente significativas e para verificar as relações entre as variáveis em estudo (Almeida & Freire, 2008).

Estatística Descritiva e Correlações entre as Variáveis

Na tabela 12 apresentamos os valores das estatísticas descritivas obtidas pelos sujeitos nas escalas de estilos parentais, práticas parentais e autoeficácia parental. Nelas indicamos os valores mínimos e máximos, médias e respetivos desvios padrão. Verificamos que o estilo parental com o valor mais elevado é o autoritativo, seguido do autoritário e do permissivo, semelhante à validação da escala. Quanto às práticas parentais, as práticas positivas são as que apresentam valores mais elevados, nomeadamente expectativas claras, monitorização e disciplina apropriada. Na escala de auto-eficácia, os scores das sub-escalas estão dentro da média de validação, ou seja, a escala positiva com o valor mais expressivo.

Tabela 12

Estatísticas Descritivas (Total)

	n	min	máx	M	DP
<i>Estilos parentais</i>					
Permissivo	120	10	40	22.50	5.73
Autoritativo	120	28	50	41.02	4.97
Autoritário	120	18	42	29.79	5.38
<i>Práticas parentais</i>					
Disciplina Rígida	120	1	5	2.46	.59
Disciplina Rígida para Idade	120	1	6	3.60	.87
Disciplina Inconsistente	120	1	5	2.76	.69
Disciplina Apropriada	120	3	7	4.52	.83
Parentalidade Positiva	120	3	6	4.15	.64
Expectativas Claras	120	2	7	5.58	1.10
Monitorização	120	3	6	4.78	.62
Parentalidade Negativa	120	1.6	4.4	2.874	.45
Parentalidade Positiva Total	120	3.33	6.02	4.5177	.56
<i>Autoeficácia parental</i>					
Positiva A - Atitudes desenvolvimento	120	3.07	5.00	4.4694	.46
Positiva B-Equilíbrio	120	2.43	11.29	4.0155	.83
Positiva	120	5.50	15.15	8.4849	1.07
Negativa A-Permissividade	120	1.05	3.88	1.9160	.57
Negativa	120	2.75	11.88	4.8619	1.20
Negativa B-Controlo	120	1.40	10.00	2.9459	.89
Total	120	2.92	9.12	3.6230	1.76

Tabela 13

Estatísticas Descritivas (Mães)

	n	min	max	M	DP
<i>Estilos parentais</i>					
Permissivo	60	10.0	36.0	22.1	5.2
Autoritativo	60	28.0	49.0	41.2	5.0
Autoritário	60	18.0	42.0	30.1	5.6
<i>Práticas parentais</i>					
Disciplina Rígida	60	1.4	4.2	2.5	.6
Disciplina Rígida para Idade	60	1.1	6.0	3.6	.9
Disciplina Inconsistente	60	1.2	4.2	2.8	.7
Disciplina Apropriada	60	2.7	6.8	4.6	.9
Parentalidade Positiva	60	2.8	5.6	4.2	.7
Expectativas Claras	60	3.0	7.0	5.6	1.1
Monitorização	60	3.2	6.1	4.8	.6
Parentalidade Negativa	60	1.7	4.3	2.9	.5
Parentalidade Positiva Total	60	3.4	6.0	4.6	.6
<i>Autoeficácia parental</i>					
Positiva A - Atitudes desenvolvimento	60	3.3	5.0	4.6	.4
Positiva B-Equilíbrio	60	2.9	5.0	4.0	.5
Positiva	60	6.3	10.0	8.6	.8
Negativa A-Permissividade	60	1.0	3.9	1.9	.6
Negativa	60	2.8	11.9	5.0	1.4
Negativa B-Controlo	60	1.4	10.0	3.1	1.1
Total	60	-2.9	6.8	3.6	1.8

Tabela 14

Estatísticas descritivas (Pais)

	n	min	max	Média	DP
<i>Estilos parentais</i>					
Permissivo	60	12.0	40.5	22.9	6.2
Autoritativo	60	29.0	50.0	40.8	5.0
Autoritário	60	18.0	39.0	29.5	5.2
<i>Práticas parentais</i>					
Disciplina Rígida	60	1.4	4.6	2.5	.6
Disciplina Rígida para Idade	60	1.9	5.7	3.6	.9
Disciplina Inconsistente	60	1.2	5.0	2.7	.7
Disciplina Apropriada	60	2.5	6.1	4.4	.8
Parentalidade Positiva	60	2.7	5.7	4.1	.6
Expectativas Claras	60	2.3	7.0	5.5	1.2
Monitorização	60	3.1	6.1	4.7	.7
Parentalidade Negativa	60	1.6	4.4	2.9	.5
Parentalidade Positiva Total	60	3.3	5.7	4.4	.5
<i>Autoeficácia parental</i>					
Positiva A - Atitudes desenvolvimento	60	3.1	5.0	4.4	.5
Positiva B-Equilíbrio	60	2.4	11.3	4.0	1.1
Positiva	60	5.5	15.2	8.4	1.3
Negativa A-Permissividade	60	1.1	3.8	1.9	.5
Negativa	60	2.9	8.0	4.8	1.0
Negativa B-Controlo	60	1.8	4.6	2.8	.6
Total	60	-1.2	9.1	3.6	1.7

A fim de testarmos a Hipótese 1: “Os Estilos Parentais, as Práticas Parentais e a Autoeficácia parental das mães correlacionam-se significativamente”, recorreremos ao coeficiente de correlação de Pearson.

Os resultados encontrados comprovam a H1. Verificamos que o estilo parental permissivo correlaciona-se de forma negativa com a autoeficácia desenvolvimento ($r = -.34$, $p = .006$), equilíbrio ($r = -.28$, $p = .025$) e positiva ($r = -.34$, $p = .006$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .52$, $p = .001$) e a autoeficácia negativa ($r = .33$, $p = .008$).

O estilo parental Autoritativo correlaciona-se de forma positiva com a autoeficácia desenvolvimento ($r = .54, p = .001$), equilíbrio ($r = .50, p = .001$) e autoeficácia negativa ($r = .57, p = .001$) e de forma positiva com a permissividade ($r = -.49, p = .001$).

O estilo parental Autoritário correlaciona-se de forma positiva com a permissividade ($r = .27, p = .033$), autoeficácia negativa ($r = .34, p = .006$) e controlo ($r = .28, p = .027$).

A prática parental Disciplina Rígida correlaciona-se de forma negativa com a AE desenvolvimento ($r = -.30, p = .017$), equilíbrio ($r = -.30, p = .017$) e positiva ($r = -.33, p = .009$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .48, p = .001$) AE negativa ($r = .43, p = .001$) e controlo ($r = .27, p = .033$).

A prática parental Disciplina correlaciona-se de forma negativa com a AE desenvolvimento ($r = -.28, p = .024$), equilíbrio ($r = -.43, p = .001$) e positiva ($r = -.39, p = .002$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .48, p = .001$) e AE negativa ($r = .30, p = .018$).

A prática parental Disciplina correlaciona-se de forma negativa com a AE desenvolvimento ($r = -.28, p = .024$), equilíbrio ($r = -.43, p = .001$) e positiva ($r = -.39, p = .002$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .48, p = .001$) e AE negativa ($r = .30, p = .018$).

A prática parental Parentalidade positiva correlaciona-se de forma positiva com o autocontrolo ($r = .25, p = .049$).

A prática parental Monitorização correlaciona-se de forma positiva com a autoeficácia desenvolvimento ($r = .61, p = .001$), equilíbrio ($r = .47, p = .001$) e autoeficácia negativa ($r = .59, p = .001$) e de forma negativa com a permissividade ($r = -.50, p = .001$).

A prática parental Parentalidade Negativa correlaciona-se de forma negativa com a autoeficácia desenvolvimento ($r = -.41, p = .001$), equilíbrio ($r = -.34, p = .007$) e autoeficácia

negativa ($r = -.41, p = .001$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .51, p = .001$), AE negativa ($r = .43, p = .001$) e Controlo ($r = .25, p = .047$).

A prática parental Parentalidade Positiva Total correlaciona-se de forma positiva com o equilíbrio ($r = .27, p = .029$) e autoeficácia negativa ($r = .28, p = .026$) e de forma negativa com a permissividade ($r = -.26, p = .037$).

Na Tabela 15 apresentamos todos os coeficientes de correlação e respectiva significância estatística.

Tabela 15

Estilos Parentais, Práticas Parentais e Autoeficácia das Mães (n = 60)

	Práticas parentais									Estilos parentais		
	DR	DRI	DI	DA	PP	EC	M	PN	PPT	P	Att	Aut
Estilos parentais												
Permissivo	.35**	.02	.37**	-.23	-.05	-.45**	-.43**	.34**	-.29*			
Autoritativo	-.38**	.07	-.49**	.48**	.29*	.50**	.63**	-.35**	.58**			
Autoritário	.28*	.41**	-.13	.22	.18	.14	.09	.38**	.23			
Autoeficácia parental												
Desenvolvimento	-.30*	-.24	-.28*	.13	.01	.29*	.61**	-.41**	.24	-.34**	.54**	-.11
Equilíbrio	-.30*	-.03	-.43**	.18	.09	.36**	.47**	-.34**	.27*	-.28*	.50**	.05
Positiva	-.33**	-.14	-.39**	.17	.05	.36**	.59**	-.41**	.28*	-.34**	.57**	-.03
Permissividade	.48**	.11	.48**	-.19	-.03	-.38**	-.50**	.51**	-.26*	.52**	-.49**	.27*
Negativa	.43**	.12	.30*	-.04	.19	-.22	-.13	.43**	1	.33**	-.17	.34**
Controlo	.27*	.09	.11	.06	.25*	-.06	.13	.25*	.15	.13	.07	.28*
Total	-.48**	-.16	-.41**	.11	-.12	.33**	.37**	-.52**	.14	-.41**	.39**	-.27*

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

DR - Disciplina Rígida; DRI - Disciplina Rígida para Idade; DI – Disciplina; DA - Disciplina Apropriada Inconsistente; PP - Parentalidade Positiva; EC - Expectativas Claras; M – Monitorização; PN - Parentalidade Negativa; PPT - Parentalidade Positiva Total; P – Permissivo; Att Autoritativo; Aut – Autoritário

A fim de testarmos a Hipótese 2: “Os Estilos Parentais, as Práticas Parentais e a Autoeficácia parental dos pais correlacionam-se significativamente” recorremos ao coeficiente de correlação de Pearson.

Os resultados dos pais não são tão expressivos mas seguem a mesmo sentido do que as mães , confirmam os resultados da literatura e o que é esperado de pais autoritativos em termos de comportamento , são também mais eficazes o estilo parental permissivo

correlaciona-se de forma negativa com a autoeficácia desenvolvimento ($r = -.30, p = .018$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .55, p = .001$), autoeficácia negativa ($r = .52, p = .001$) e controlo ($r = .36, p = .005$).

A prática parental Disciplina Rígida correlaciona-se de forma positiva com a permissividade ($r = .41, p = .001$) AE negativa ($r = .41, p = .001$) e controlo ($r = .30, p = .018$).

A prática parental Disciplina correlaciona-se de forma positiva com a permissividade ($r = .29, p = .023$).

A prática parental Parentalidade positiva correlaciona-se de forma positiva com a autoeficácia equilíbrio ($r = .29, p = .023$) AE positiva ($r = .26, p = .045$).

A prática parental Expectativas claras correlaciona-se de forma positiva com a autoeficácia desenvolvimento ($r = .45, p = .001$) e autoeficácia positiva ($r = .39, p = .002$) e de forma negativa com a permissividade ($r = -.38, p = .002$) e autoeficácia positiva ($r = -.33, p = .011$).

A prática parental Monitorização correlaciona-se de forma positiva com a autoeficácia desenvolvimento ($r = .45, p = .001$), equilíbrio ($r = .30, p = .020$) e autoeficácia positiva ($r = .43, p = .001$) e de forma negativa com a permissividade ($r = -.35, p = .007$).

A prática parental Parentalidade Negativa correlaciona-se de forma negativa com a autoeficácia desenvolvimento ($r = -.32, p = .012$) e AE negativa ($r = .33, p = .009$) e de forma positiva com a permissividade ($r = .40, p = .001$).

A prática parental Parentalidade Positiva Total correlaciona-se de forma positiva com a AE desenvolvimento ($r = .31, p = .015$), equilíbrio ($r = .32, p = .013$) e positiva ($r = .39, p = .002$).

Na Tabela 16 apresentamos todos os coeficientes de correlação e respectiva significância estatística.

Tabela 16

Estilos Parentais, Práticas Parentais e Autoeficácia Pais (n = 60)

	Práticas parentais									Estilos parentais		
	DR	DRI	DI	DA	PP	EC	M	PN	PPT	P	Att	Aut
Estilos parentais												
Permissivo	.12	-.06	.31*	.04	.20	-.34**	-.27*	.13	-.02			
Autoritativo	-.14	.00	-.19	.37**	.26	.51**	.45**	-.15	.50**			
Autoritário	.27*	.27*	-.01	.19	.24	.30*	-.02	.33*	.24			
Autoeficácia parental												
Desenvolvimento	-.19	-.23	-.21	.22	.01	.49**	.45**	-.32*	.31*	-.30*	.50**	.10
Equilíbrio	-.12	-.07	-.12	.16	.29*	.25	.30*	-.15	.32*	.05	.39**	.13
Positiva	-.17	-.14	-.18	.22	.26*	.39**	.43**	-.25	.39**	-.07	.52**	.15
Permissividade	.41**	.09	.29*	-.11	.07	-.38**	-.35**	.40**	-.18	.55**	-.22	.14
Negativa	.41**	.02	.23	-.04	.19	-.33*	-.25	.33**	-.05	.52**	-.16	.13
Controlo	.30*	-.05	.12	.03	.25	-.20	-.11	.20	.06	.36**	-.07	.08
Total	-.36**	-.11	-.26*	.18	.08	.48**	.46**	-.38**	.31*	-.35**	.47**	.04

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

DR - Disciplina Rígida; DRI - Disciplina Rígida para Idade; DI – Disciplina; DA - Disciplina Apropriada Inconsistente; PP - Parentalidade Positiva; EC - Expectativas Claras; M – Monitorização; PN - Parentalidade Negativa; PPT - Parentalidade Positiva Total; P – Permissivo; Att Autoritativo; Aut – Autoritário

Regressões lineares entre Estilos Parentais, Práticas Parentais e Auto-eficácia Parental

A fim de testarmos a Hipótese 3: “Os Estilos e as Práticas Parentais são preditores significativos da Autoeficácia Parental das mães” recorremos ao modelo de regressão linear múltipla com o método *Stepwise* com as dimensões dos Estilos Parentais e das Práticas Parentais como variáveis preditoras e a variável Autoeficácia Parental total como variável dependente (Escala positiva: Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento; Equilíbrio independência-segurança e a dimensão de autoeficácia negativa, também com duas sub-escalas: permissividade, negligência e desinteresse; “Controlo negativo”). Apenas foram incluídas no modelo as variáveis com correlações significativas,

nomeadamente, Disciplina Rígida e EP Permissivo. O modelo explica 28.1% da variância desta última variável e é estatisticamente significativo, $F(2.58) = 12.721$, $p = .001$.

O estilo permissivo ($\beta = -.098$, $p = .019$) e a Disciplina rígida ($\beta = -1.160$, $p = .002$) revelaram-se preditores significativos da autoeficácia parental (mais disciplina rígida e mais permissividade contribuem para uma menor autoeficácia).

Tabela 17

Regressão Linear Hierárquica – Grupo de Mães (n = 60)

	Autoeficácia parental			
	R^2	ΔR^2	β	B
Modelo 1	.305	.281		
Disciplina Rígida			-1.160	-.385**
EP Permissivo			-.098	-.282*

$F(2, 58) = 12.721^{***}$

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para o grupo dos pais, seguimos os mesmos procedimentos para a realização da regressão a fim de testarmos a Hipótese 4: “H4. Os Estilos e as Práticas Parentais são preditores significativos da Autoeficácia Parental dos pais”, o modelo de regressão linear múltipla com o método *Stepwise* com as dimensões das variáveis Estilos Parentais e Práticas Parentais como variáveis preditoras e a variável Autoeficácia Parental total como variável dependente explica 36.1% da variância desta última variável e é estatisticamente significativo, $F(3, 55) = 11.915$, $p = .001$.

As expectativas claras ($\beta = .501$, $p = .005$), Monitorização ($\beta = .811$, $p = .009$) e a disciplina rígida ($\beta = -.765$, $p = .020$) revelaram-se preditores significativos da autoeficácia parental. As dimensões das práticas parentais, expectativas claras e a monitorização, surgem como preditoras uma maior a eficácia parental dos pais enquanto a disciplina rígida prediz uma menor perceção de auto-eficácia.

Tabela 18

Regressão Linear Hierárquica – Grupo de Pais (n = 58)

	Autoeficácia parental			
	R^2	ΔR^2	β	B
Modelo 3	.394	.361		
QQP Expectativas Claras			.501**	.332
QQP Monitorização			.811**	.304
QQP Disciplina Rígida			-.765*	-.257

 $F(3, 55) = 11.915^{***}$ * $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$ **Diferenças entre Pais e Mães**

A fim de verificar as hipóteses cinco, seis e sete, recorremos ao teste paramétrico t de Student (tabela 19). A Hipótese cinco: “H5. Pais e mães diferem significativamente quanto aos Estilos Parentais” não foi confirmada. As diferenças nos estilos parentais entre mães e pais não são estatisticamente significativas (todos $ps > .05$).

De igual forma, não confirmamos a Hipótese 6: “H6. Pais e mães diferem significativamente quanto às Práticas Parentais”. As diferenças nas práticas parentais entre mães e pais não são estatisticamente significativas (todos os $ps > .05$).

Ao testarmos a Hipótese 7: “H7. Pais e mães diferem significativamente quanto à percepção de autoeficácia parental”, encontramos diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão de autoeficácia positiva - desenvolvimento. As mães obtêm valores significativamente mais elevados do que os pais nas atitudes promotoras do desenvolvimento dos filhos [$t_{(118)} = 2.037, p = .044, (4.55 \text{ vs } 4.38)$].

Tabela 19

Estilos, Práticas e Autoeficácia Parental: Mães vs Pais

	Mães		Pais		<i>t</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Estilos parentais					
Permissivo	22.10	5.25	22.91	6.21	.444
Autoritativo	41.24	5.01	40.80	4.97	.624
Autoritário	30.06	5.55	29.51	5.25	.580
Práticas parentais					
Disciplina Rígida	2.46	.60	2.45	.58	0.946
Disciplina Rígida para Idade	3.63	.86	3.57	.90	0.703
Disciplina Inconsistente	2.79	.68	2.72	.72	0.588
Disciplina Apropriada	4.63	.88	4.41	.78	0.161
Parentalidade Positiva	4.19	.66	4.10	.63	0.487
Expectativas Claras	5.64	1.06	5.52	1.15	0.573
Monitorização	4.84	.60	4.71	.65	0.257
Parentalidade Negativa	2.89	.46	2.85	.46	0.662
Parentalidade Positiva Total	4.59	.60	4.44	.53	0.167
Autoeficácia parental					
Positiva A - Atitudes desenvolvimento	4.55	.45	4.38	.47	0.044*
Positiva B-Equilíbrio	4.04	.48	3.99	1.09	0.754
Positiva	8.59	.85	8.37	1.26	0.267
Negativa A-Permissividade	1.90	.62	1.93	.54	0.732
Negativa	4.95	1.37	4.77	1.01	0.405
Negativa B-Controlo	3.05	1.08	2.83	.64	0.177
Total	3.64	1.81	3.61	1.74	0.918

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Efeito das Variáveis de Critério

Algumas variáveis de critério/sociodemográficas, tais como a idade, o nível educativo e económico são descritas na literatura como exercendo um efeito na parentalidade. A fim de testar a Hipótese 8: "H8. A idade exerce um efeito nos Estilos Parentais, Práticas Parentais adotados e na Auto-eficácia parental percebida pelas mães", e a Hipótese 9: "H9. A idade exerce um efeito nos Estilos Parentais, Práticas Parentais adotados e na Auto-eficácia parental percebida pelos pais", recorreremos à correlação Pearson (Tabela 20).

Nas mães, a idade correlaciona-se de forma positiva com a monitorização ($r = .257$, $p = .045$), de forma positiva e moderada com as dimensões da autoeficácia Positiva A-Atitudes desenvolvimento ($r = .387$, $p = .002$) e Positiva ($r = .315$, $p = .013$). Ou seja, quanto mais

velhas são as mães, mais tendem a monitorizar o comportamento e a promover o desenvolvimento dos filhos. Quanto aos pais, não encontramos coeficientes de correlação estatisticamente significativos entre a idade e Estilos e Práticas Parentais adotados e Auto-eficácia parental percebida.

Tabela 20

Correlação Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Idade por Função Parental

	Idade	
	Mães	Pais
Estilos parentais		
Permissivo	-.175	-,044
Autoritativo	-.057	,103
Autoritário	.043	,194
Práticas parentais		
Disciplina Rígida	-.117	.015
Disciplina Rígida para Idade	-.240	-,184
Disciplina Inconsistente	-.013	,069
Disciplina Apropriada	-.013	,032
Parentalidade Positiva	-.008	-,079
Expectativas Claras	-.103	,073
Monitorização	.257*	-,011
Parentalidade Negativa	-.216	-,080
Parentalidade Positiva Total	.032	-.007
Autoeficácia		
Positiva A-Atitudes desenvolvimento	.387**	,253
Positiva B-Equilíbrio	.196	-,036
Positiva	.315*	,062
Negativa A-Permissividade	-.106	-,204
Negativa	.015	-,237
Negativa B-Controlo	.080	-,205
Total	.136	,184

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Para a Hipótese 10: "H10. As habilitações académicas dos pais exercem um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na autoeficácia parental percebida pelas mães", os testes multivariados indicam-nos que não existem diferenças estatisticamente significativas,

nos estilos parentais, $F(3. 56) = 0.541$, $p = .656$, nas práticas parentais, $F(7. 52) = 1.931$, $p = .083$, ou na autoeficácia percecionada, $F(4. 55) = 1.211$, $p = .317$, em função das habilitações académicas. Os outros níveis de escolaridade não foram analisados tendo em conta o seu reduzido número de amostra.

Tabela 21

Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Escolaridade

	Até 12º ano		Ens. superior		<i>t</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Estilos parentais					
Permissivo	21.67	5.03	22.08	5.21	.763
Autoritativo	41.33	5.16	41.41	4.86	.951
Autoritário	31.11	5.65	29.31	5.52	.255
Práticas parentais					
Disciplina Rígida	2.41	0.57	2.45	0.57	0.783
Disciplina Rígida para Idade	3.96	0.84	3.38	0.80	0.010
Disciplina Inconsistente	2.84	0.75	2.72	0.60	0.504
Disciplina Apropriada	4.84	0.84	4.50	0.90	0.146
Parentalidade Positiva	4.42	0.73	4.02	0.58	0.021
Expectativas Claras	5.75	0.92	5.59	1.15	0.585
Monitorização	4.88	0.49	4.85	0.64	0.849
Parentalidade Negativa	2.98	0.39	2.80	0.44	0.108
Parentalidade Positiva Total	4.77	0.58	4.48	0.59	0.072
Autoeficácia					
Positiva A-Atitudes desenvolvimento	4.54	0.46	4.58	0.44	0.715
Positiva B-Equilíbrio	4.01	0.46	4.07	0.51	0.642
Positiva	8.54	0.82	8.65	0.88	0.648
Negativa A-Permissividade	1.92	0.45	1.83	0.63	0.535
Negativa	5.33	1.62	4.63	1.04	0.047
Negativa B-Controlo	3.40	1.49	2.80	0.61	0.033
Total	3.22	1.88	4.02	1.64	0.086

Para a Hipótese 11: "H11. As habilitações académicas dos pais exercem um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na autoeficácia parental percebida pelos pais", os testes multivariados indicam-nos que não existem diferenças estatisticamente significativas, nos estilos parentais, $F(3. 53) = 2.517$, $p = .068$, nas práticas parentais, $F(7. 49) = 1.489$, $p = .193$, ou na autoeficácia percecionada, $F(4. 52) = 1.591$, $p = .191$, em função das habilitações

académicas. Os outros níveis de escolaridade não foram analisados tendo em conta o seu reduzido número de amostra.

Tabela 22

Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Escolaridade

	Até 12º ano		Ens. superior		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>
<i>Estilos parentais</i>					
Permissivo	23.40	6.99	22.39	5.88	0.560
Autoritativo	41.95	4.59	40.75	4.56	0.342
Autoritário	32.02	4.71	28.31	5.13	0.009
<i>Práticas parentais</i>					
Disciplina Rígida	2.43	0.48	2.43	0.63	0.983
Disciplina Rígida para Idade	3.88	1.08	3.39	0.76	
Disciplina Inconsistente	2.76	0.80	2.67	0.70	0.048
Disciplina Apropriada	4.74	0.63	4.30	0.75	
Parentalidade Positiva	4.29	0.75	4.02	0.54	0.655
Expectativas Claras	5.94	0.69	5.45	1.14	
Monitorização	4.80	0.65	4.71	0.64	0.031
Parentalidade Negativa	2.95	0.33	2.78	0.51	
Parentalidade Positiva Total	4.68	0.50	4.37	0.47	0.121
<i>Autoeficácia</i>					
Positiva A-Atitudes desenvolvimento	4.44	0.38	4.42	0.43	0.807
Positiva B-Equilíbrio	4.28	1.67	3.90	0.46	0.198
Positiva	8.73	1.63	8.31	0.80	0.206
Negativa A-Permissividade	1.96	0.43	1.86	0.55	0.503
Negativa	4.67	0.87	4.75	1.07	0.765
Negativa B-Controlo	2.71	0.60	2.89	0.67	0.321
Total	4.06	1.54	3.56	1.61	0.261

Na Hipótese 12: "H12. O número de filhos exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na autoeficácia parental percebida pelas mães e pelos pais", encontrámos os seguintes coeficientes de correlação estatisticamente significativos:

Nas mães, o número de filhos correlaciona-se de forma positiva e moderada com o estilo autoritário ($r = .462$, $p = .011$), e de forma positiva e fraca com a Disciplina Rígida para Idade ($r = .322$, $p = .001$) e com as Expectativas Claras ($r = .371$, $p = .003$).

Nos pais, o número de filhos correlaciona-se de forma positiva e fraca com o estilo autoritário ($r = .309$, $p = .017$), de forma positiva e fraca com Disciplina Rígida para Idade (r

= .317, $p = .015$), Disciplina Apropriada ($r = .292$, $p = .025$), e Parentalidade Positiva Total ($r = .289$, $p = .026$) e de forma positiva e moderada com Expectativas Claras ($r = .430$, $p = .001$).

Tabela 23

Correlação Estilos Parentais, Práticas Parentais, Autoeficácia Parental e Número de Filhos

	nº de filhos	
	Mães	Pais
Estilos parentais		
Permissivo	-.133	-.150
Autoritativo	.171	.229
Autoritário	.462**	.309*
Práticas parentais		
Disciplina Rígida	-.044	-.041
Disciplina Rígida para Idade	.322*	.317*
Disciplina Inconsistente	-.225	-.204
Disciplina Apropriada	.214	.292*
Parentalidade Positiva	.120	.065
Expectativas Claras	.371**	.430**
Monitorização	.156	.156
Parentalidade Negativa	.090	.101
Parentalidade Positiva Total	.243	.289*
Autoeficácia		
Positiva A-Atitudes desenvolvimento	.080	.158
Positiva B-Equilíbrio	.070	.003
Positiva	.082	.061
Negativa A-Permissividade	-.122	-.087
Negativa	-.044	-.224
Negativa B-Controlo	.013	-.282*
Total	.072	.175

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Parte IV - Discussão

Tendo em conta os resultados apresentados na secção anterior, podemos considerar que foi possível responder algumas questões de investigação deste estudo. Ou seja, verificou-se que existem influências significativas entre as variáveis em estudo (Estilo parental, Prática Parental e Autoeficácia Parental). Também foi possível confirmar o impacto dos estilos de autoridade parental e práticas parentais na percepção da Autoeficácia Parental de pais e mães. Não encontramos diferenças individuais significativas entre os pais.

Na interpretação das seguintes hipóteses, é importante ressaltar que ao analisarmos os estilos parentais predominantes nos pais desta amostra, procuramos verificar a correlação entre o tipo de prática parental exercida pelos mesmos, e a percepção de autoeficácia individual dos pais. O tipo de práticas educativas exercidas pelos pais pode ser deduzido através da avaliação do Estilo Parental dos mesmos. Ou seja, os EP's definem a escolha das PP's exercidas na educação dos filhos (Darling e Steinberg, 1993).

Nos resultados obtidos verificamos que o EP autoritativo apresenta o valor mais elevado, seguido do autoritário e do permissivo. As práticas parentais adotadas com os valores mais significativos correspondem às expectativas claras, monitorização e disciplina apropriada. Quanto à auto-eficácia, a escala positiva tem o valor mais relevante, correlacionado com o estilo parental autoritativo e com as práticas parentais de parentalidade positiva.

Quanto as hipóteses do estudo, confirmou-se a Hipótese 1 deste estudo (Correlação das variáveis Estilos Parentais, Práticas Parentais e a Autoeficácia Parental Mães), os resultados da 1ª hipótese demonstram que as mães autoritativas, recorrem a práticas parentais de monitorização, conhecem de forma íntima a vida do seu filho e procuram participar na vida dele de forma saudável. Têm valores significativos nas dimensões de parentalidade positiva o que indica um elevado nível de eficácia parental. O que vai ao encontro de alguns estudos realizados sobre a influência dos EP, PP e AEP na educação dos filhos. As mães com

resultados de EP mais autoritários apresentam práticas parentais mais coercitivas com disciplina rígida para a idade, e consequentemente baixa percepção de autoeficácia parental com poucas atitudes de desenvolvimento. As mães permissivas são mais rígidas e inconsistentes nas práticas parentais, com pouco investimento no desenvolvimento dos filhos e baixo equilíbrio e monitorização.

Algumas investigações concluíram que os problemas emocionais e comportamentais das crianças relacionam-se com o suporte e o afeto transmitidos pelos pais. Existe uma relação entre o desenvolvimento cognitivo, a autoestima, o desempenho escolar e social nas crianças cujos pais adotam uma atitude promotora de afeto (Baumrind, 1989, 1991; Belsky & Fearon, 2008; Hoffman, 1994). A percepção de autoeficácia pode estar diretamente dependente das práticas parentais utilizadas pelos pais e, consequentemente, as práticas parentais são influenciadas pelo estilo parental. O EP adotado pelas mães pode ser influenciado pelo estado emocional, logo leva a determinada escolha na forma como é exercida a parentalidade, estando ligado as práticas parentais.

Quanto aos resultados da 2ª hipótese (Correlação das variáveis Estilos Parentais, Práticas Parentais e a Autoeficácia Parental Pais), verifica-se que os pais autoritativos adotam PP baseadas em expectativas claras, onde o progenitor, através do diálogo, reconhece as potencialidades dos filhos, aumentando-as através do reforço positivo.

Os pais que adotam EP permissivos apresentam PP de permissividade, não exercem a monitorização, a comunicação ou o reforço positivo, tendo como resultado um desenvolvimento baixo ou escasso. As atitudes de desenvolvimento estão diretamente relacionadas com as expectativas claras dos pais, o que influencia os resultados da AEP. Para Pereira (2010), os EP's podem ser compreendidos com base nas PP's, tendo em conta a frequência utilizada e uma vez que se encontram diretamente correlacionadas (Darling & Steinberg, 1993).

Dumka, Gonzales, Wheeler e Millsap (2010), consideram que as práticas parentais manifestam-se nas dimensões de afetividade e envolvimento, podendo estes ser mais influentes do que as práticas de controlo positivo na prevenção de problemas de comportamento. Em suma, as variáveis EP, PP, e AEP, correlacionam-se positivamente.

Relativamente às hipóteses 3 (Os Estilos e as Práticas Parentais são preditores significativos para a Autoeficácia Parental), os resultados da amostra das mães revelam que os estilos parentais influenciam a eficácia parental. O estilo autoritativo aumenta a eficácia parental e, em contrapartida, os estilos permissivo e autoritário diminuem-na, ou seja, o estilo permissivo e a disciplina rígida diminuem a perceção de autoeficácia parental das mães.

No que refere a hipótese 4 os pais obtiveram resultados significativos no estilo autoritativo e revelam preditores significativos da autoeficácia parental nas expectativas claras e na monitorização. A disciplina rígida aparece como preditor de baixa autoeficácia.

Podemos verificar nesta investigação que o estilo parental autoritativo está diretamente relacionado com uma maior eficácia parental, isto é, os pais que definem regras claras, controlam o comportamento dos filhos e fazem exigências, respeitando as especificidades dos mesmos, mantendo-se sensíveis às suas necessidades e promovendo o diálogo e a comunicação, obtêm maiores resultados de Autoeficácia Parental.

Diante dos resultados podemos referir que as hipóteses em estudo vão ao encontro da literatura. Os pais cujo estilo parental seja autoritativo, recorrem a práticas parentais que determinam e impõem padrões claros para a conduta dos seus filhos, dão prioridade às necessidades e habilidades das crianças, estabelecem exigências de maturidade adequadas à idade, incentivam as crianças a serem independentes e autónomas, oferecem um ambiente democrático e são atenciosos e indulgentes (Mehrinejad, Rajabimoghadam, & Tarsafi, 2015).

A Autoeficácia Parental pode ser percebida a longo prazo no desenvolvimento das crianças de forma positiva para além da infância e da adolescência. Relativamente à análise de

diferenças entre Pais e Mães, quanto aos Estilos Parentais (5ª hipótese), os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das subescalas do PAQ-P.

Tais resultados contradizem outros apontados pela literatura. Os estilos parentais são influenciados por diversos fatores, designadamente sociodemográficos, e principalmente pelo género. Por conseguinte, os EP's as PP's adotadas podem ser influenciadas pelo género de ambos os progenitores e pelo género dos filhos (Leaper, 2002, citado por Lavado, 2015).

Diversas investigações, apontam para a existência de diferenças entre estilos parentais de mães e pais quanto à educação parental. Na literatura encontramos estudos comparativos entre pais e mães, em que as mães apresentam resultados mais elevados quanto aos níveis de perceção do comportamento parental. As principais dimensões percecionadas são o apoio emocional, o controlo e a rejeição (Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça, 2009, citados por Lavado, 2015).

Num estudo realizado por Winsler, Madigan, e Aquilino (2005), que procuraram compreender o nível de concordância entre os estilos parentais de ambos os pais e a forma como cada um percebia o seu próprio estilo parental, bem como o estilo do seu cônjuge, numa amostra de mães e pais de vinte e oito crianças em idade pré-escolar, concluiu-se que as famílias estudadas apresentavam baixa concordância entre os estilos parentais das mães e dos pais, embora tenha sido o estilo permissivo a apresentar maior concordância. Os autores explicam os seus resultados pelo facto de cada um dos pais procurar no outro um estilo diferente do seu, de modo a encontrar um equilíbrio nas estratégias educativas de ambos.

Num estudo realizado por Conrade e Ho (2001) com estudantes universitários (N = 617; 242 homens e 375 mulheres) foram encontradas diferenças significativas em termos de género para os estilos autoritários e permissivos de parentalidade. As mães eram mais propensas a usar o EP autoritário, enquanto que os pais utilizam mais o EP permissivo.

Quanto às diferenças significativas entre Pais e Mães relativamente às Práticas Parentais (Hipótese 6), não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações dos pais e das mães, em nenhuma das subescalas do QPP.

Alguns estudos revelam que as mães, em comparação ao pais, frequentemente recorrem às práticas parentais mais consistentes com o EP autoritativo. As principais características das atitudes parentais utilizadas pelas mães são o controlo positivo, o apoio afetivo, a segurança e a autonomia (Gomes, 2010, citado por Brás, 2008).

Contudo, outros estudos apontam para uma permissividade exacerbada das mães, (Russell et al., 1998), e ao autoritarismo dos pais marcado por atitudes punitivas e coersivas (Mestre et al., 2005, citado por López-Soler et al., 2009).

Num estudo comparativo entre pais e mães de crianças com problemas de externalização, elaborado por Bernard, Verlaan, Capianno, Paulin, e Vitaro (2009), os resultados mostraram que as mães recorriam a atitudes de parentalidade positiva face à educação dos filhos, com práticas educativas pautadas por mais disponibilidade, comunicação positiva e interesse nas atividades escolares dos filhos.

Na 7ª hipótese (Pais e mães diferem significativamente quanto à percepção de Autoeficácia Parental), de modo geral, as mães obtiveram pontuações superiores aos pais na autoeficácia, nomeadamente na subescala atitudes promotoras de desenvolvimento. Conforme reportado em estudos anteriores, as mães percebem-se como mais eficazes nos domínios afetivos, responsabilidade, disponibilidade emocional e física e na valorização das atitudes positivas dos filhos (Gilmore & Cuskelly, 2008; Meunier e Roskam, 2009; Salonen et al., 2009).

No estudo realizado por Ferreira et al. (2014), os resultados revelaram que os pais não apresentam diferenças significativas quanto a eficácia percebida em comparação com as mães. Outro estudo realizado por Meunier e Roskam (2009), onde o objetivo era comparar

pais e mães quanto a eficácia parental em domínios específicos, as mães apresentaram valores superiores aos dos pais, relativamente ao domínio dos cuidados físicos, emocionais, e valorização. Os pais percecionaram-se mais competentes no domínio da disciplina (Ferreira et al., 2014).

Segundo Ribeiro (2014), as mães não apresentam uma maior perceção do campo afetivo de que os pais. Por outro lado, os pais revelam níveis mais elevados de sentimento de eficácia em diferentes áreas quando comparados às mães.

Quanto às 8ª (A idade exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na Autoeficácia Parental percebida), a idade das mães parece influenciar a prática parental de monitorização, com atitudes de desenvolvimento, e elevado índice de Autoeficácia Parental. Quanto mais velhas as mães, mais tendem a monitorizar o comportamento e a promover o desenvolvimento dos filhos. Uma explicação para isso pode ser que as mães mais velhas apresentam maior maturidade e mais experiência de vida, estando melhor preparadas para lidarem com a pressão da parentalidade. Assim, estão mais aptas a assumirem as responsabilidades e os compromissos que fazem parte da educação dos filhos, prestando mais atenção aos aspetos relacionais e estando mais motivadas a acompanharem o desenvolvimento dos seus filhos, de que as mães mais novas.

Em relação a hipótese 9, os resultados dos pais não são estatisticamente significativos. Do mesmo modo, não encontramos coeficientes de correlação estatisticamente significativos entre a idade e Estilos e Práticas Parentais adotados e Autoeficácia Parental percebida. Meunier e Roskam (2009), referem que as mães e os pais mais velhos percepcionam-se, de forma significativa, como menos eficazes em dimensões afetivas, e na disponibilidade para brincar. Estes resultados não corroboram os encontrados por Jacobs e Kelley (2006), que encontram relações positivas significativas entre a perceção de autoeficácia dos pais mais velhos.

Alguns estudos referentes à maternidade na adolescência, comparativamente à maternidade na fase adulta, apontam para uma maior probabilidade dos filhos de mães adolescentes desenvolverem complicações no parto, problemas relacionados com cuidados neonatais, atrasos no desenvolvimento cognitivo, problemas sócio-emocionais, comportamentais e académicos (Simões, 2011).

As 10^a e 11^a hipóteses estão relacionadas com os possíveis efeitos das habilitações académicas das mães e dos pais, nos Estilos e Práticas Parentais e na Autoeficácia Parental percebida pelos mesmos.

Neste sentido, relativamente aos resultados, não obtivemos valores significativamente mais elevados na comparação entre pais e mães. Estes resultados não estão de acordo com o estudo apresentado por Singer e Weinstein (2000) que referem que os pais com nível de escolaridade superior adotam EP's autoritativos. Por outro lado, para Morris (1982), as habilitações académicas não estão correlacionadas com os estilos e praticas educativas parentais. Estes dois estudos revelam uma incongruência na investigação nesta área.

Cruz (2005), revela que existem diferenças significativas entres pais com escolaridade superior e pais com níveis de escolaridade inferior. Segundo este autor, os pais com escolaridade inferior recorrem a PP's punitivas e os pais com escolaridade de nível superior utilizam estratégias educativas que integram a disciplina positiva e que promovem a autonomia. Alguns autores referem que pais com níveis de habilitações académicas superiores revelam EP autoritativos, são mais participativos na vida escolar dos filhos, participam nas atividades lúdicas e investem mais na comunicação familiar. O resultado do presente estudo pode ter sido influenciado pelo facto de não existirem diferentes níveis de habilitações académicas, ou seja, a maioria da amostra possui o ensino superior (61%%) e o ensino secundário (27,1%).

Relativamente à 12ª hipótese (o número de filhos exerce um efeito nos Estilos e Práticas Parentais adotados e na Autoeficácia Parental percebida pelas mães e pais) e em relação aos resultados das mães, o número de filhos encontra-se relacionado com o Estilo Parental autoritário. As mães recorrem a práticas parentais orientadas para uma disciplina rígida para a idade e consideram-se promotores de reforço positivo para os filhos com resultados positivos nas expectativas claras. Não revelam resultados que indiquem percepção de baixa Autoeficácia Parental, que segundo a literatura pode estar relacionada com o EP autoritário e com a PP de disciplina rígida.

Os pais apresentam resultados significativos nas escalas de Estilo Parental autoritário, são mais inconsistentes nas Práticas Parentais, e recorrem a punições rígidas para a idade, como castigos inapropriados. Em contrapartida, os resultados mostram que os pais têm expectativas claras e as Práticas Parentais podem ser consideradas positivas, mas simultaneamente sentem menor controlo no exercício da sua função. Podemos observar que as mães e os pais com maior número de filhos adotam o estilo parental autoritário e apresentam expectativas claras quanto ao que esperam dos filhos.

Muitos estudos correlacionam um número mais elevado de filhos às práticas educativas coercivas, com pouca disponibilidade dos pais e menos apoio emocional aos filhos (Gomes, 2010). Outros autores também afirmam que um maior número de filhos pode estar associado a uma baixa monitorização, uma disciplina inconsistente e uma permissividade elevada (Roskam & Meunier, 2009).

Furman e Lanthier (2002) indicaram que, em famílias com muitos filhos, os pais autocráticos, recorriam a medidas disciplinares rigorosas, enquanto os pais com menos filhos eram menos restritivos em questões como a independência. Considerando o número de crianças, grande parte das famílias com baixo nível socioeconómico tem sido associada a comportamentos de agressão em crianças. Um exemplo disto é o relacionamento descrito por

Knutson et al. (2004), em que a desvantagem social relaciona-se com a agressividade, através da disciplina punitiva e negligência como modulador.

Conclusão

A parentalidade, conceito relativamente recente em psicologia (1961), existe como função desde o início da humanidade. No entanto, apenas no séc. XX os estudos em psicologia debruçaram sobre as diversas dimensões da parentalidade e, com a evolução social, as diferenças entre a parentalidade de mães e pais (Cowan & Cowan, 1995). O presente estudo foca nessas diferenças enquanto variáveis de estilos de autoridade parental, práticas parentais e autoeficácia parental, assim como a relação entre as variáveis num grupo de pais e mães. Estudos anteriores salientam que a atitude dos pais na educação dos filhos tem um papel crucial para o desenvolvimento da autonomia e comportamentos promotores de desenvolvimento pessoal. Segundo a literatura, a educação parental é o pilar para o desenvolvimento humano, tendo em conta que as experiências precoces influenciam os indivíduos ao longo da vida.

Os resultados revelaram uma correlação significativa entre os EP's, as PP's e a autoeficácia parental. Foi possível observar o impacto das práticas parentais na percepção de autoeficácia de pais e mães. Os resultados revelam que a população desse estudo apresenta um valor mais elevado no EP autoritativo Mães ($M=41.2$) e Pais ($M=40.8$).

Quanto às diferenças entre mães e pais, os resultados não foram estatisticamente significativos. Tais resultados podem ser explicados com o desenvolvimento do conceito de família. Os resultados poderão ser compreendidos pela crescente alteração dos papéis sociais a que assistimos na atualidade, nomeadamente, a mulher tem exercido um papel mais ativo no contexto laboral e o homem tende gradualmente a estar mais participativo nas tarefas domésticas, e na sua função parental na educação dos filhos.

Em suma, segundo a literatura, o contexto familiar como idade, habilitações académicas e número de filhos, pode influenciar o modo como os pais se relacionam com os filhos. Nos resultados obtidos no presente estudo, as mães com idades superiores obtiveram valores maiores nas práticas educativas positivas e maior autoeficácia percebida. Em contrapartida, os pais com um número de filhos superior tendem a ser mais autoritários e a recorrerem mais às punições coercivas.

A pertinência do presente estudo surge na emergência de sinalizar as diferenças individuais dos pais quanto à educação parental, e contribuir para futuras intervenções junto aos pais, de forma a influenciar positivamente as famílias, promovendo o conhecimento sobre o desenvolvimento saudável dos filhos, e permitindo a reflexão sobre as diferentes possibilidades de modelos parentais. Com base nos resultados, seria importante desenvolver programas de competências parentais, com o objetivo de salientar a importância do bem-estar dos pais em função da educação dos filhos, conhecer a relação entre os diversos subsistemas familiares, e criar estratégias para a concientização da concordância e/ou complementariedade dos estilos parentais e práticas para promover um desenvolvimento saudável. Segundo a literatura, a oscilação nas atitudes e comportamentos pode ser mais nociva do que um EP autoritário.

De forma a permitir a intervenção em diferentes contextos profissionais, seria importante compreender a relação entre as práticas educativas e o desenvolvimento de problemas de externalização na primeira infância.

No que diz respeito às limitações deste estudo, poderemos apontar o facto do mesmo apresentar um reduzido número de participantes, o que poderá ter condicionado os resultados da 5ª hipótese do estudo, em que não se encontraram diferenças significativas tendo em conta o género dos pais e o estilo parental adotado, a 6ª hipótese em que não obtivemos resultados significativos referentes ao género e à Prática Parental, e a 9ª hipótese, que procurou

determinar se a idade dos pais influencia o EP, PP e AEFP, apresentou resultados não significativos, o que pode estar relacionado com o facto de os pais terem idades aproximadas. Poderemos ainda apontar como limitação do estudo a homogeneidade da amostra, que não teve em conta a diversidade de características dos indivíduos, nomeadamente no que diz respeito às habilitações académicas e posteriormente o nível sócioeconómico.

Relativamente a estudos posteriores, poderia ser interessante dar continuidade à presente investigação, através da avaliação das perceções dos filhos face aos EP, PP e AEF dos pais, com o objetivo de verificar se as perceções dos filhos são coerentes com as dos pais.

Referências

- Aboim, S. (2002). *Evolução das estruturas familiares*. Lisboa, Portugal: Instituto Nacional de Estatística.
- Alarcão, M. (2006). *Des(equilíbrios) familiares* (3.^a ed.). Coimbra, Portugal: Quarteto Editora.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5.^a ed.). Braga, Portugal: Psiquilibrios.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460.
- Ardelt, M., & Eccles, J. S. (2001). Effects of mothers' parental efficacy beliefs and promotive parenting strategies on inner-city youth. *Journal of Family Issues*, 22(8), 944-972.
- Ariés, P. (1988). *A criança e a vida familiar no antigo regime*. Lisboa, Portugal: Relógio de Água.
- Azevedo, J. M. (2008). *A função paterna nas configurações familiares atuais* (Dissertação de pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais).
- Bandura, A. (1989). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology*, 25(5), 729-735.
- Bandura, A. (1980). Gauging the relationship between self-efficacy judgment and action. *Cognitive Therapy and Research*, 4(2), 263-268. doi:10.1007/BF01173659
- Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37(2), 122-147.
- Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of self-efficacy theory of behavioral change. *Cognitive Therapy and Research*, 1(4), 287-310.

- Barber, B. K. (2002). Reintroducing parental psychological control. In Barber, B. K. (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1), 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-272.
- Bayle, F. (2006). *À volta do nascimento*. Lisboa, Portugal: Climepsi Editores.
- Beja, M. J. G. P. (2009). *Escola e família: Da inevitabilidade da comunicação à construção de uma realidade relacional (Estudo exploratório no 1.º Ciclo do Ensino Básico)*. (Tese de doutoramento, Universidade de Madeira).
- Bernard, T., Verlaan, P., Capiano, F., Paulin, F., & Vitaro, F. (2009). Parental practices of mothers and fathers and problem behaviour in pre-school children: Differences and similarities. *Revue de psychoéducation*, 38(1), 15-43.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235.
- Borsa, J., & Nunes, J. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Brás, P. M. F. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação).
- Brazelton, T. B. (2005). *A maternidade e a vida profissional*. Barcarena, Portugal: Editorial Presença.

- Brazelton, T. (2002). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (J. L. Camargo Trad. 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brites, R., & Nunes, O. (2010, Fevereiro). *Uma nova escala de autoeficácia parental: Estudos sobre validação*. Artigo publicado no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga, Portugal.
- Cain, D. S., & Combs-Orme, T. (2005). Family structure effects on parenting stress and practices in the African American family. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 32(2), 19-40.
- Casarín, A. V., & Infante, T. J. M. (2006). Familia y rendimiento académico. *Revista de Educación y Desarrollo*, 5, 55-59.
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: Revisão sistemática e crítica da literatura* (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo).
- Castilho, T. (2003, Outubro). *Família e relacionamento de gerações*. Artigo publicado no Congresso Internacional Coeducação de Gerações, São Paulo, Brasil.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Chechia, V. A., & Andrade, A. S. (2002). *Representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos*. Artigo publicado no Seminário de Pesquisa, Ribeirão Preto, Brasil.
- Cia, F, Panplin, R. C. O., & Prette, Z. A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16(35), 395-406.
- Cia, F., Pereira, C. S., Prette, Z. A. P., & Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 73-81.

- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review*, 18(1), 47-85. doi:10.1006/drev.1997.0448
- Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53, 29-35.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473.
- Cowan C. P., & Cowan, P. A. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: Why there are needs and what they can do. *Family Relations*, 44, 412-423.
- Crespo, C. (2007). “À mesa com a família”: *Rituais familiares e o casal: Paisagens intersistémicas* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra, Portugal: Editora Quarteto.
- Cunha, J. A. (2000). *Psicodiagnóstico- V* (5.ª ed.). Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Devine, P., & Llyod, K. (2006). Parenting practices in Northern Ireland: Evidence from the northern Ireland household panel survey. *Child Care in Practice*, 12(4), 365-376. doi:10.1080/13575270600863275
- Dias, M. J. C. R. (2009). *Comportamentos, atitudes e valores dos alunos numa sociedade tolerante* (Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais).

- Dumka, L. E., Gonzales, N. A., Wheeler, L. A., & Millsap, R. E. (2010). Parenting self-efficacy and parenting practices over time in Mexican American families. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 522-531. doi:10.1037/a0020833
- Esteves, A. S. C. M. (2010). *Estilos parentais e Coparentalidade. Um estudo exploratório com casais portugueses* (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia).
- Eurostat. (2005). *Demographic Statistics*. Luxembourg, Belgium: Eurostat.
- Faria, L., Pepi, A., & Alesi, M. (2004). Concepções pessoais de inteligência e auto-estima: Que diferenças entre estudantes portuguesas e italianos? *Análise Psicológica*, 4(22), 747-764.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304. doi:10.1590/S0103-166X2007000300001
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2014). Percepção de competência parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 32(2), 145-156.
- Freixo, M. J. V. (2012). *Metodologia científica. Fundamentos métodos e técnicas* (4.^a ed.). Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Furman, W., & Lanthier, R.P. (1996). Personality and sibling relationships. In G. H. Brody (Ed.), *Sibling relationships: Their causes and consequences* (pp. 127-146). Norwood, NJ: Ablex.
- Giddens, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- Gilmore, L. A., & Cuskelly, M. (2008). Factor structure of the parenting sense of competence scale using a normative sample. *Child Care, Health & Development*, 38(1), 48-55. doi:10.1111/j.1365-2214.2008.00867.x

- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O Desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Gomes, M. I. M. (2010). (Des)complexificando os estilos parentais: Com pais casados e pais divorciados-separados (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa).
- Gomide, P. I. C. (2006). *IEP: Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico-manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, Brasil: Editora Vozes.
- Grigorenko, E. L., & Sternberg, R. J. (2000). Elucidating the etiology and nature of beliefs about parenting styles. *Developmental Science*, 3(1), 93-112. doi:10.1111/1467-7687.00103
- Hanson, S. M. H. (2005). *Enfermagem de cuidados de saúde à família: Teoria, prática e investigação* (2.^a ed.). Loures, Portugal: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Hipólito, J., Jesus, S. N., & Pires, M. (2011, Junho). *Questionário de estilos parentais para pais (PAQP): Estudos de validação*. Artigo apresentado no VIII Congresso Ibero-americano de Avaliação/Evaluación Psicológica & XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa, Portugal.
- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30(1), 26-28.
- Hutz, C. S., & Bardagi, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11, 1, 65-73.
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering*, 4(1), 23-47.
- Knutson, J. F., DeGarmo, D., Koepl, G., & Reid, J. B. (2005). Care neglect, supervisory neglect, and harsh parenting in the development of children's aggression: A

replication and extension. *Child Maltreatment*, 10(2), 92-107.

doi:10.1177/1077559504273684

Kruel, C. S. (2008). *Transição para a parentalidade no contexto de cardiopatia congénita do bebê* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Lavado, A. M. M. S. (2015). *Percepção parental sobre os estilos educativos parentais e os padrões de vinculação da criança: Um estudo com mães e pais adotivos e biológicos* (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia).

Levy, L., & Jonathan, E. G. (2010). Minha família é legal? A família no imaginário infantil. *Estudos de Psicologia*, 27(1), 49-56.

Lins, Z. M. B., Salomão, N. M. R., Lins, S. L. B., Féres-Carneiro, T., & Eberhardt, A. C. (2015). O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. *Revista da SPAGESP*, 16(1).

Lopez-Soler, C., Puerto, J. C., Lopez-Pina, J. A., & Prieto, M. (2009). Percepción de los estilos educativos parentales e inadaptación en menores pediátricos. *Anales de Psicología*, 25(1), 70-77.

Lundberg, M., & Andersson, P. (2000). Perception of the parental rearing when growing up in a single-parent home. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7(4), 275-278.
doi:10.1002/1099-0879

Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington & P. H. Mussen (Eds.). *Handbook of child psychology: Socialization, personality and social development* (Vol. 4, pp. 1-101). Nova Iorque, NY: Wiley.

Martins, C. A. (2009). *Transição para a parentalidade: Uma revisão sistemática da literatura*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem da Universidade de Minho).

- Mehrinejad, S. A., Rajabimoghadam, S., & Tarsafi, M. (2015). The relationship between parenting styles and creativity and the predictability of creativity by parenting styles. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 205, 56-60.
doi:10.1016/j.sbspro.2015.09.014
- Meunier, J. C., & Roskam, I. (2009). How do parenting concepts vary within and between the families?. *European Journal of Psychology of Education*, 14(1), 33-47.
doi:10.1007/BF03173473
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.
- Monteiro, L. M. S., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I. A. M. P., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicología*, 44(1), 120-130.
- Morris, D. (1982). Attachment and Intimacy. Em M. Fischer, & G. Stricker (Eds.), *Intimacy* (pp. 305-323). New York, NY: Plenum Press.
- Osório, L. C. (2000). *Família hoje*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O. B., & Schneider, A. M. A (2008). Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66- 73.
- Palacios, J., & Rodrigo, M. J. (2008). *Familia y desarrollo humano*. Madrid, Espanha: Alianza Editorial.
- Parke, R. D. (1996). *Paternidade*. Cambridge, United Kingdom: Harvard University Press.
- Pereira, A. I. F. (2010). *Crescer em relacao: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento – Estudo longitudinal com criancas em idade escolar*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Pires, A. S. R. (2008). *Estudo da conjugalidade e da parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação).
- Pires, M. (2011). *Valores, estilos parentais, stresse infantil e vivência emocional dos filhos*. Faro, Portugal: Universidade do Algarve.
- Pires, M., Hipólito, J., & Jesus, S. (2010, Fevereiro). *Questionário de estilos parentais para pais: Validação preliminar*. Artigo apresentado no VIII Congresso Ibero-americano de Avaliação/Evaluación Psicológica & XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa, Portugal.
- Pleck, J. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.). *The role of father in child development*. (pp. 58-93). New Jersey, NJ: John Wiley & Sons.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico dos seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), p. 247-256. doi:10.1590/S1413-73722007000200005
- Reis, M. P. I. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso* (Tese de doutoramento, Universidade de Málaga e Escola Superior de Educação João de Deus).
- Reis, K. C. F. (2008). *Infância, género e estereótipos sexuais: Análise do relato de mães de crianças de 4 a 6 anos* (Dissertação de pós-graduação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”).
- Relvas, P. (2006). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica* (4.^a ed.). Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In C. S. Hutz (Org.), *Violência e risco na infância e*

- adolescência: Pesquisas e Intervenção* (pp. 9-42). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa, Portugal: Climepsi Editores.
- Ribeiro, M. R. B. (2014). *Envolvimento paterno: Competência e eficácia* (Dissertação de mestrado, ISPA – Instituto Universitário).
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89-99. doi:10.1080/00049539808257539
- Salonen, A. H., Kaunonen, M., Ästedt-Kurki, P., Järvenpää, A-L., Isoaho, H., & Tarkka, M-T. (2009). Parenting self-efficacy after childbirth. *Journal of Advanced Nursing*, 65(11), 2324-2336. doi:10.1111/j.1365-2648.2009.05113.x
- Salvador, A. P. V., & Weber, L. N. D. (2005). Práticas educativas parentais: Um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9(2), 341-353.
- Santos, R. G. (2012). *As práticas educativas parentais: Percepções de pais e filhos*. (Dissertação do mestrado, Universidade da Madeira).
- Santos, M. J. S., Gaspar, M. F., Azevedo, A., Homem, T. C, Leitão, S., Pimentel. M., & Major, S. (2014). *Prevenção/intervenção precoces em distúrbios de comportamento: Eficácia de programas parentais e escolares*. Coimbra, Portugal: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Simões, S. C. C. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família* (Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto).

- Singer, A. T., & Weinstein, R. S. (2000). Differential parental treatment predicts achievement and self-perceptions in two cultural contexts. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 491-509. doi:10.1037//0893-3200.14.3.491
- Soares, S. (2012). *Estilos parentais: Percepções entre pais e filhos*. (Tese de doutoramento, Instituto Superior Psicologia Aplicada).
- Sousa, J. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar*, 11, 41-47.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: Levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 42(19), 97-106.
- Steinberg, L. (2005). *Psychological control: Style or substance? In Changing boundaries of parental authority during adolescence*. In W. Damon & J. Smetana (Eds.). *New directions for child and adolescent development* (Vol. 108, pp. 71–78). New York: Wiley
- Teti, D. M., & Gelfand, D. M. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development*, 62(5), 918-929.
- Trenas, A. F. R. (2008). *Estudio sobre los estilos educativos parentales y su relación con los trastornos de conducta en la infancia* (Tese de doutoramento, Universidad de Córdoba).
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. Em B. Campbell (Ed.), *Sexual selection and the descent of man* (pp. 1871-1971). Chicago, IL: Aldine.
- Ventura, T. (2010). *Tipologias familiares: Caraterização e singularidades dos seus ciclos vitais*. Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa.

- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.
- Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1), 1-12. doi:10.1016/j.ecresq.2005.01.007.

Anexos

Anexo A

O estudo que estamos a desenvolver tem como objectivo a validação externa da Escala de Auto-Eficácia Parental e do Questionário de Estilos Parentais, com recurso ao Questionário de Práticas Parentais. Por favor, responda a todas as questões. Não existem questões certas nem erradas. Agradecemos, desde já, a prestável colaboração. Os dados solicitados são confidenciais e anónimos, e serão apenas utilizados para efeitos de investigação.

Questionário de Dados Pessoais

Sexo: Masc ☐ Fem. ☒ Idade: 36 Estado civil: casado

Morada (zona geográfica): Isaura Zona urbana ou rural: urbana

Habilitações Académicas: Superior

Profissão: Economista Situação profissional: Empregado(a) ☒
Desempregado(a) ☐

N.º médio horas trabalho/dia: 5 ou menos / 6 / ~~8~~ / 10 / 12 ou +

N.º médio horas passadas em casa: 1 / 2 / 3 / 4 / 5 / 6 / 7 / 8 / ~~9~~ ou +

N.º médio horas dedicadas a tarefas conjuntas com o seu filho: 10 ou menos / 2 / 3 / 4 ou +

Recorre a algum subsídio: Sim ☐ Não ☒ Se sim, qual _____

Rendimento médio mensal: Até 1000 Euros
Entre 1000 e 1500 Euros
Entre 1500 e 3000 Euros
Entre 3000 e 4000 Euros
Mais de 4000 Euros

N.º filhos:	1	2	3	4	5	6	7	Mais
Idade:	<u>6</u>	<u>2</u>	—	—	—	—	—	—
Sexo:	<u>F</u>	<u>F</u>	—	—	—	—	—	—

Quantos são os elementos que compõem o agregado familiar: 4

Quais? pai, mãe e 2 filhos

Ocorreu algum acontecimento que modificou o funcionamento familiar habitual?

Sim ☐ Não ☒ Se sim, qual: _____

Anexo B

Questionário de Estilos Parentais - Pais

(Adaptação do Parental Authority Questionnaire PAQ, de Buri, 1991)

Para cada uma das frases faça uma cruz no número da escala de 5 pontos (1=Discordo totalmente, 5= Concordo totalmente) que melhor descreve ou se aplica a si como Mãe/Pai na relação com os seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas, tente não demorar muito tempo em cada questão. É importante que responda a todos os itens, não se esquecendo de nenhum.

1= Discordo totalmente 2= Discordo 3= Não concordo nem discordo 4=Concordo 5=Concordo totalmente

1	Acredito que numa família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas à sua maneira.	1 ☒ 3 4 5
2	Obrigo os meus filhos a fazer coisas que acredito serem correctas, mesmo que eles não concordem.	1 2 ☒ 4 5
3	Sempre que digo aos meus filhos para fazerem algo, espero que o façam imediatamente sem perguntas.	1 2 ☒ 4 5
4	Quando uma regra familiar é estabelecida, explico os motivos desta aos meus filhos.	1 2 3 4 ☒ 5
5	Encorajo o diálogo com os meus filhos quando estes não estão de acordo com as regras e restrições familiares.	1 2 3 ☒ 5
6	Acredito que uma criança necessita de ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.	1 2 ☒ 4 5
7	Não permito aos meus filhos que questionem as minhas decisões.	1 ☒ 3 4 5
8	Oriento os meus filhos através do diálogo e da disciplina.	1 2 ☒ 4 5
9	Penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que os meus filhos se comportem como eu acho que devem.	1 ☒ 3 4 5
10	Acho que os meus filhos não precisam de obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade as estabeleceu.	1 ☒ 3 4 5
11	Transmito aos meus filhos o que espero deles mas também lhes dou liberdade para conversar quando não concordam comigo.	1 2 3 ☒ 5
12	Acredito que os pais sensatos devem ensinar desde cedo quem é o chefe da família.	1 2 ☒ 4 5
13	Raramente dou orientações aos meus filhos sobre o seu comportamento.	1 ☒ 3 4 5

14	Quando as decisões familiares são estabelecidas, na maioria das vezes faço aquilo que os meus filhos querem.	1 2 3 4 5
15	Dou aos meus filhos orientações de forma clara e consistente.	1 2 3 4 5
16	Fico muito chateado quando os meus filhos tentam discordar comigo.	1 2 3 4 5
17	Acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seriam resolvidos se os pais não restringissem as actividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.	1 2 3 4 5
18	Deixo claro o comportamento que espero dos meus filhos e, quando não correspondem às minhas expectativas, acabo por puni-los.	1 2 3 4 5
19	Permito aos meus filhos decidir a maior parte das coisas sozinhos sem lhes dar muitas orientações.	1 2 3 4 5
20	Tenho em consideração a opinião dos meus filhos nas decisões familiares, mas não tomo decisões só porque eles assim o querem.	1 2 3 4 5
21	Não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento dos meus filhos.	1 2 3 4 5
22	Tenho padrões bem definidos de comportamentos para os meus filhos, mas estou disposto(a) a ajustar esses padrões às necessidades individuais de cada um.	1 2 3 4 5
23	Oriento o comportamento dos meus filhos e espero que sigam as minhas orientações, mas converso com eles e ouço sempre as suas opiniões.	1 2 3 4 5
24	Permito que os meus filhos tenham o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e decidam por si o que vão fazer.	1 2 3 4 5
25	Sempre pensei que a maioria dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais fossem rígidos e autoritários para com os seus filhos.	1 2 3 4 5
26	Digo sempre aos meus filhos o que devem fazer e como fazer.	1 2 3 4 5
27	Dou indicações claras para o comportamento e actividades dos meus filhos, mas sou compreensivo(a) quando discordam delas.	1 2 3 4 5
28	Na minha família, não dou orientações em relação a comportamentos, actividades e desejos dos meus filhos.	1 2 3 4 5
29	Os meus filhos sabem o que espero deles e insisto para que atendam às minhas expectativas simplesmente por respeito pela minha autoridade.	1 2 3 4 5
30	Se tomo uma decisão que magoe os meus filhos, estou disposto(a) a conversar com eles e a admitir as minhas falhas.	1 2 3 4 5

Anexo C

Práticas Parentais – Questionário

PROJECTO “OS ANOS INCRÍVEIS” - University of Washington Parenting Clinic

(Versão Portuguesa de P. Santos e M. Gaspar, 2004)

Esta secção contém questões acerca das diferentes formas de disciplinar crianças e ensiná-las a distinguir entre o bem e o mal.

1. Apresentamos de seguida uma lista das coisas que os pais nos disseram que fazem quando os seus filhos têm um comportamento inadequado. Em geral, com que frequência faz cada uma das seguintes coisas quando o seu filho não se comporta (isto é, faz algo que não deveria fazer)?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Às vezes	A maior parte das vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5	6	7
b. Levanta a voz (ralha ou grita).	1	2	3	4	5	6	7
c. Faz com que o seu filho corrija o problema ou compense o seu erro.	1	2	3	4	5	6	7
d. Ameaça castigá-lo/la (mas não castiga realmente).	1	2	3	4	5	6	7
e. Dá-lhe um tempo (para reflectir).	1	2	3	4	5	6	7
f. Castiga o seu filho /a sua filha.	1	2	3	4	5	6	7
g. Retira-lhe privilégios (como a televisão ou brincar com os amigos).	1	2	3	4	5	6	7
h. Espanca-o/a.	1	2	3	4	5	6	7
i. Esbofeteia-o/a ou dá-lhe umas palmadas (mas não o/a espanca).	1	2	3	4	5	6	7
j. Dá ao seu filho/à sua filha tarefas extra.	1	2	3	4	5	6	7
k. Discute o problema com a criança ou faz perguntas.	1	2	3	4	5	6	7

2. Se o seu filho/filha bater noutra criança, qual é a probabilidade de disciplinar o seu filho das seguintes maneiras?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Nada provável	Ligeiramente provável	De alguma maneira provável	Moderadamente provável	Provável	Bastante provável	Extremamente provável
---------------	-----------------------	----------------------------	------------------------	----------	-------------------	-----------------------

a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5	6	7
b. Levanta a voz (ralha ou grita).	1	2	3	4	5	6	7
c. Faz com que o seu filho corrija o problema ou compense o seu erro.	1	2	3	4	5	6	7
d. Ameaça castigá-lo/la (mas não castiga realmente).	1	2	3	4	5	6	7
e. Dá-lhe um tempo (para reflectir).	1	2	3	4	5	6	7
f. Castiga o seu filho /a sua filha.	1	2	3	4	5	6	7
g. Retira-lhe privilégios (como a televisão ou brincar com os amigos)	1	2	3	4	5	6	7
h. Espanca-o/a.	1	2	3	4	5	6	7
i. Esbofeteia-o/a ou dá-lhe uma palmadas (mas não o/a espanca).	1	2	3	4	5	6	7
j. Dá ao seu filho/à sua filha tarefas extra.	1	2	3	4	5	6	7
k. Discute o problema com a criança ou faz perguntas.	1	2	3	4	5	6	7

3. Se o seu filho / a sua filha recusou fazer o que queria que ele/ela fizesse, qual é a probabilidade de usar cada uma das seguintes técnicas de disciplina?

1	2	3	4	5	6	7
Nada provável	Ligeiramente provável	De alguma maneira provável	Moderadamente provável	Provável	Bastante provável	Extremamente provável

a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5	6	7
b. Levanta a voz (ralha ou grita).	1	2	3	4	5	6	7
c. Faz com que o seu filho corrija o problema ou compense o seu erro.	1	2	3	4	5	6	7
d. Ameaça castigá-lo/la (mas não castiga realmente).	1	2	3	4	5	6	7
e. Dá-lhe um tempo (para reflectir).	1	2	3	4	5	6	7
f. Castiga o seu filho /a sua filha.	1	2	3	4	5	6	7
g. Retira-lhe privilégios (como a televisão ou brincar com os amigos)	1	2	3	4	5	6	7
h. Espanca-o/a.	1	2	3	4	5	6	7

i. Esbofeteia-o/a ou dá-lhe uma palmadas (mas não o/a espanca).	1	2	3	4	5	6	7
j. Dá ao seu filho/à sua filha tarefas extra.	1	2	3	4	5	6	7
k. Discute o problema com a criança ou faz perguntas.	1	2	3	4	5	6	7

4. Quanto é que concorda ou discorda das seguintes afirmações?

1	2	3	4	5
Concordo plenamente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente

a. Às vezes é preciso zangarmo-nos a sério com os filhos para lhes dar uma lição.	1	2	3	4	5
b. As crianças aprendem melhor quando não sabem que castigo esperar pelo seu mau comportamento.	1	2	3	4	5
c. A melhor maneira de evitar um grande problema é disciplinar a criança quando o problema ainda é pequeno.	1	2	3	4	5
d. Não há problema em não castigar a criança por pequenas coisas – é melhor centrar-mo-nos em problemas sérios de comportamento.	1	2	3	4	5
e. Disciplinar de forma consistente é mais importante do que administrar grandes castigos por mau comportamento.	1	2	3	4	5

5. Em geral, com que frequência acontece o seguinte?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Às vezes	A maior parte das vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

a. Se pedir ao seu filho /à sua filha para fazer algo e ele/ela não faz, com que frequência desiste de tentar que ele/ela o faça?	1	2	3	4	5	6	7
b. Se prevenir o seu filho/a sua filha que o/a punirá se ele/ela não o fizer, com que frequência o/a pune realmente se ele/ela continuar a não se comportar?	1	2	3	4	5	6	7
c. Com que frequência é que o seu filho/a sua filha não é castigado/a por coisas que sente que ele/ela deveria ter sido castigado/a?	1	2	3	4	5	6	7
d. Se decidiu castigar o seu filho/a sua filha, com que frequência é que muda de ideias consoante as explicações, desculpas e	1	2	3	4	5	6	7

argumentação da criança?							
e. Com que frequência se mostra zangado/a quando disciplina o seu filho/a sua filha?	1	2	3	4	5	6	7
f. Com que frequência as discussões com o seu filho/ a sua filha tomam grandes proporções e faz ou diz coisas que não queria?	1	2	3	4	5	6	7
g. Com que frequência o seu filho/ a sua filha dá a volta às regras que estabeleceu?	1	2	3	4	5	6	7
h. Com que frequência o tipo de castigo que dá ao seu filho/ à sua filha depende do seu estado de espírito na altura?	1	2	3	4	5	6	7

6. Esta é uma lista das coisas que os pais podem fazer quando o seu filho/a sua filha se porta bem ou faz um bom trabalho. Em geral, com que frequência faz cada uma das seguintes coisas quando o seu filho/a sua filha se porta bem ou faz um bom trabalho?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca	Raramente	Às vezes	A maior parte das vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5	6	7
b. Elogia e cumprimenta o seu filho/ a sua filha.	1	2	3	4	5	6	7
c. Dá ao seu filho/à sua filha um abraço, um beijo, uma festa ou um aperto de mão.	1	2	3	4	5	6	7
d. Compra-lhe algo (tal como uma comida especial, um brinquedo pequeno) ou dá-lhe dinheiro pelo bom comportamento.	1	2	3	4	5	6	7
e. Concede-lhe privilégios extra (tais como bolos, ir ao cinema, uma actividade especial pelo bom comportamento).	1	2	3	4	5	6	7
f. Atribui-lhe pontos ou estrelas numa tabela.	1	2	3	4	5	6	7
g. Nem repara.	1	2	3	4	5	6	7

7. Numa semana normal, com que frequência elogia ou premeia o seu filho/ a sua filha por ter desempenhado um bom trabalho em casa ou na escola?

— Menos de uma vez por semana
— Cerca de uma vez por semana
— Algumas vezes por semana, mas não diariamente

— Cerca de uma vez por dia
— 2 a 5 vezes por dia
— 6 a 10 vezes por dia
— Mais de 10 vezes por dia

8. Nos últimos 2 dias, quantas vezes:

a) Elogiou o seu filho/a sua filha por algo que ele/ela fez bem?

- | | | |
|-----------|----------------|-------------------------------|
| — Nunca | — 3 vezes | — Mais de 7 vezes |
| — Uma vez | — 4 ou 5 vezes | — Não com o meu filho/a minha |
| — 2 vezes | — 6 ou 7 vezes | filha nos últimos 2 dias |

b) Concedeu algo extra como uma prenda, privilégios ou alguma actividade especial consigo, por algo que ele/ela fez bem?

- | | | |
|-----------|----------------|-------------------------------|
| — Nunca | — 3 vezes | — Mais de 7 vezes |
| — Uma vez | — 4 ou 5 vezes | — Não com o meu filho/a minha |
| — 2 vezes | — 6 ou 7 vezes | filha nos últimos 2 dias |

9. Por favor determine o quanto concorda ou discorda das seguintes afirmações.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo	Discordo ligeiramente	Não concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo plenamente

a. Dar a uma criança um prémio pelo bom comportamento é suborno.	1	2	3	4	5	6	7
b. Eu não devo ter de premiar os meus filhos para que eles façam aquilo que é suposto fazer.	1	2	3	4	5	6	7
c. Eu acredito no uso de prémios para ensinar o meu filho/a minha filha a comportar-se.	1	2	3	4	5	6	7
d. É importante elogiar as crianças quando fazem algo de forma correcta.	1	2	3	4	5	6	7
e. Eu gostaria de elogiar o meu filho/a minha filha mais vezes do que o/a critico, mas é difícil encontrar comportamentos a elogiar.	1	2	3	4	5	6	7
f. Se eu elogiar e premiar o meu filho/a minha filha para encorajar um bom comportamento, ele/ela vai exigir prémios por tudo.	1	2	3	4	5	6	7
g. Se uma criança estiver a ter dificuldades em levar a cabo uma tarefa (tal como ir para a cama, apanhar os brinquedos), é uma boa ideia estabelecer uma recompensa ou um privilégio extra por fazê-lo.	1	2	3	4	5	6	7

10. Por favor determine o quanto concorda com as seguintes afirmações:

a. Eu estabeleci claramente regras e expectativas para o meu filho/a minha filha no que respeita às tarefas.	1	2	3	4	5	6	7
b. Eu estabeleci claramente regras e expectativas para o meu filho/a minha filha no que respeita a não lutar, roubar, mentir, etc.	1	2	3	4	5	6	7
c. Eu estabeleci claramente regras e expectativas para o meu filho/a minha filha no que respeita à ida para a cama e levantar da cama a horas.	1	2	3	4	5	6	7

11. Por favor determine qual a probabilidade de fazer o seguinte:

1	2	3	4	5	6	7
Nada provável	Ligeiramente provável	De alguma maneira provável	Moderadamente provável	Provável	Bastante provável	Extremamente provável

a. Quando o seu filho/a sua filha termina as suas tarefas, qual é a probabilidade de o/a elogiar ou recompensar?	1	2	3	4	5	6	7
b. Quando o seu filho/a sua filha NÃO termina as suas tarefas, qual é a probabilidade de o/a castigar (por exemplo tirar-lhe um privilégio ou pô-lo/a de castigo)?	1	2	3	4	5	6	7
c. Quando o seu filho/a sua filha luta, rouba ou mente, qual é a probabilidade de o/a castigar?	1	2	3	4	5	6	7
d. Quando o seu filho/a sua filha vai para a cama ou se levanta a horas, qual é a probabilidade de o/a elogiar?	1	2	3	4	5	6	7
e. Quando o seu filho/a sua filha NÃO vai para a cama ou NÃO se levanta a horas, qual é a probabilidade de o/a castigar?	1	2	3	4	5	6	7

12. Quantas horas é que o seu filho/a sua filha passou em casa sem a supervisão de um adulto nas últimas 24 horas?

— Nenhuma — 1/2 h — 1 ½ - 2 h — 3 - 4 h

— Menos de ½ h — 1 – 1 ½ h (2 – 3 h (Mais de 4 h

13. Nos últimos 2 dias, cerca de quantas horas, no total, esteve o seu filho/a sua filha envolvido/a em actividades fora de casa sem a supervisão de um adulto, se esteve?

(Nenhuma (1/2 h (1 ½ - 2 h (3 - 4 h

(Menos de ½ h (1 – 1 ½ h (2 – 3 h (Mais de 4 h

14. Responda por favor às seguintes questões, tendo em conta a escala seguinte:

1	2	3	4	5
Nenhuma ou quase nenhuma	Cerca de 25%	Cerca de 50%	Cerca de 75%	Toda ou quase toda

a. Qual a percentagem de tempo em que sabe onde o seu filho/ a sua filha se encontra, quando ele/ela está longe da sua supervisão directa?	1	2	3	4	5
b. Qual a percentagem de tempo em que sabe exactamente o que o seu filho/ a sua filha está a fazer quando está longe de si?	1	2	3	4	5
c. Qual a percentagem de amigos dos filhos que conhece bem?	1	2	3	4	5

15. Quanto é que concorda ou discorda das seguintes afirmações?

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo	Discordo ligeiramente	Não concordo nem discordo	Concordo ligeiramente	Concordo	Concordo plenamente

a. É muito importante para mim saber onde está o meu filho/a minha filha quando está longe de mim.	1	2	3	4	5	6	7
b. Os pais que verificam como é que o seu filho/a sua filha se comporta em casa de amigos são demasiado ansiosos em relação aos filhos.	1	2	3	4	5	6	7
c. Dar às crianças muito tempo livre sem supervisão ajuda-os a aprender a ser mais responsáveis.	1	2	3	4	5	6	7
d. As crianças que não são vigiadas por um adulto têm maior possibilidade de desenvolver problemas de comportamento.	1	2	3	4	5	6	7

Data: _____.

Quem respondeu ao questionário: O Pai () A mãe () Outro: _____

Muito obrigado pela sua colaboração.

Anexo D

ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

Esta escala procura descrever a forma como a pessoa se vê, em termos da sua eficácia na vida, e a forma como ela se vê, no que se refere à sua eficácia enquanto mãe/ pai.

De modo geral, sou eficaz na vida:

0 (Nada)

20 (Totalmente)

ENQUANTO MÃE OU PAI (REFIRA-SE À RELAÇÃO COM O(S) SEU(S) FILHO(S))

(1 = Nunca; 5 = Sempre)

1	Desconheço qual a profissão que o meu filho quer ter	①	2	3	4	5
2	O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer	1	②	3	4	5
3	Raramente sinto necessidade de ir à escola do meu filho	1	2	3	4	5
4	Vou buscar o meu filho à escola sempre à hora combinada, para que não se sinta esquecido	1	2	3	④	5
5	Deixo o meu filho fazer as tarefas que deseja (comer, vestir-se, lavar-se, etc.)	1	2	③	4	5
6	Os colegas e amigos do meu filho são desconhecidos para mim	①	2	3	4	5
7	O futuro do meu filho preocupa-me	1	2	3	④	5
8	Tento compreender o meu filho quando faz qualquer coisa que eu não aprovo antes de o repreender ou castigar	1	2	③	4	5
9	Tento que o meu filho distinga o que é certo e errado	1	2	3	④	5
10	Converso com o meu filho quando ele tem um comportamento errado, para que compreenda as razões do meu desagrado	1	2	3	④	5
11	Permito que o meu filho não cumpra as suas tarefas	1	2	③	4	5
12	Tento ser justo com o meu filho	1	2	3	④	5
13	Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho	1	②	3	4	5
14	Evito que o meu filho experimente coisas novas	1	②	3	4	5
15	O meu filho só se veste com a roupa que eu escolho para ele	①	2	3	4	5
16	Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	1	2	3	4	⑤
17	Procuro dizer ao meu filho que o amo, e tenho manifestações carinhosas para com ele	1	2	③	4	5
18	O meu filho bate-me	①	2	3	4	5
19	O meu filho desconhece quais as regras que deve cumprir em casa	①	2	3	4	5
20	O meu filho é seguido regularmente pelo médico	1	2	3	4	⑤
21	Acompanho o dia-a-dia do meu filho e estou disponível se ele precisar	1	2	③	4	5
22	Incentivo o meu filho a procurar respostas para as suas dúvidas	1	2	3	④	5
23	Preocupo-me que o meu filho siga um caminho que o deixe feliz	1	2	3	4	⑤
24	Estou atento ao que se passa com o meu filho quando ele está triste ou contente	1	2	3	④	5
25	Escolho com o meu filho os brinquedos e jogos dele para não brincar com coisas perigosas	①	2	3	4	5
26	Quero que o meu filho escolha uma profissão que o deixe realizado	1	2	3	④	5
27	O meu filho tem as vacinas em atraso	①	2	3	4	5

28	Ensino e estou atento se o meu filho se comporta com boas maneiras	1	2	③	4	5
29	O meu filho desconhece o porquê das regras lá de casa	①	2	3	4	5
30	Quero que o meu filho tenha a mesma profissão que eu	1	②	3	4	5
31	Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso	1	2	③	4	5
32	Procuro explicar ao meu filho com linguagem cuidada a razão de determinadas regras e atitudes	1	2	3	④	5
33	O meu filho só faz os deveres que quer	1	2	③	4	5
34	Verifico se o meu filho se veste conforme o estado do tempo	1	2	③	4	5
35	O meu filho chega à escola (ou creche/ ama) de acordo com os meus horários	1	2	3	4	⑤
36	Faço as tarefas e os deveres do meu filho sempre que ele não é capaz	1	②	3	4	5
37	Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro	1	②	3	4	5
38	Procuro ajudar o meu filho nas áreas escolares em que tem mais dificuldade	1	2	3	④	5
39	Deixo o meu filho quebrar os castigos que lhe atribuo	1	2	3	④	5
40	Acho que o meu filho deve ter liberdade para assistir aos conflitos entre os pais	①	2	3	4	5
41	Descontrolo-me à frente do meu filho e isso não me preocupa	①	2	3	4	5
42	É-me indiferente o tipo de ensino da escola do meu filho	①	2	3	4	5
43	Faço planos para a vida futura que quero que o meu filho tenha	1	②	3	4	5
44	Desconheço quais os medos do meu filho	①	2	3	4	5